

Fundamentos

ANO VI • N.º 35 • 1954

COPERNICO

SIMBOLO DA LIBERDADE DE PENSAMENTO



ESCREVERAM:

MARIO SCHEMBE
SUCUPIRA FILHO
ABGUAR BASTOS
SAMUEL PESSOA
CLOVIS MOURA

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

Preço Cr\$ 5,00

fundamentos

ANO VI - N.º 35 - OUTUBRO 1954

CONSELHO DE REDAÇÃO

Afonso Schmidt
Alvaro de Faria
Aparicio Torelly
Artur Neves
Astrojildo Pereira
Braulio Pedroso
Caio Prado Junior
Clovis Graciano
Clovis Moura
Edson Carneiro
Eduardo Sucupira Filho
Eunice Catunda
Fernando Henrique Cardoso
Fernando Pedreira
Fernando Segismundo
Gilberto de Andrada e Silva
Gonçalves Machado
José Eduardo Fernandes
José Menezes Campos
João Belline Burza
Luiz Enjolas Ventura
Léo Ribeiro de Moraes
Mário Schemberg
Moacyr Werneck de Castro
Omar Catunda
Rivadavia Mendonça
Rossine Camargo Guarnieri
Samuel Barnsley Pessoa
Vilanova Artigas
Walter Sampaio

REDATOR CHEFE

Afonso Schmidt

FUNDAMENTOS não se responsabiliza
pelos conceitos emitidos em trabalhos
assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
Av. Ipiranga, 570 — 1º andar — Fone
3473.88 — São Paulo — Brasil.

INDICE

[ndice	2
Copérnico, símbolo da liberdade de pensamento	
E. Sucupira Filho	3
Nicolau Copérnico	
Mário Schemberg	4
O ano Copérnico na Polônia e no mundo	4
Século de Capistrano de Abreu	
Abguar Bastos	6
A Crisma (conto)	
Braulio Pedroso	6
Contestado, Guerra Camponesa do Brasil	
Noel Nascimento	10
«Sonata de Otono en Praga»	
Raul Gonzalez Tuñon	13
Canto ao Programa do Partido Comunista do Brasil	
Clóvis Moura	14
A Paz e o Poema	
Walter Sampaio	15
Dança de São Gonçalo em Ubatuba	
Eunice Catunda	16
Progressos da Saúde Pública na Nova China	
Samuel B. Pessoa	18
Notas e notícias	21

C O P E R N I C O

SÍMBOLO DA LIBERDADE DO PENSAMENTO

E. SUCUPIRA FILHO

A revolução de Copérnico, operada no século XV, em plena ascensão do Renascimento e do Humanismo, assinala o advento da ciência natural moderna, que abriu caminho à concepção científica do mundo. Copérnico estabeleceu não só as bases da astronomia moderna, como contribuiu igualmente para o desenvolvimento do pensamento humano.

Por ocasião do quadringentésimo aniversário de sua morte, no ano passado, toda a humanidade progressista reverenciou a memória do gênio universal — um dos maiores representantes da cultura renascentista, época, que no dizer de Engels “exigia gigantes e criou gigantes: gigantes do pensamento, de paixões e de caráter, de universalidade e de ciência.” Num apelo lançado pelo Conselho Mundial da Paz, naquela oportunidade, seu ilustre presidente, Joliot-Curie deu todo o sentido à magna celebração dos feitos de Copérnico, ressaltando-lhe a grandeza humanística, o seu patriotismo e a contribuição científica ao patrimônio da cultura mundial. “Obra fecunda de libertação do espírito humano — frisou Joliot-Curie — até então sufocado e obscurecido pelas superstições e pelos dogmas. Tais superstições e dogmas eram apoiados e mantidos pelos poucos que nos mesmos encontravam a base de seu poder. Nesse grande movimento de libertação que caracterizou o Renascimento, Copérnico deu um rude golpe às autoridades obscurantistas e abalou os fundamentos de um poder que encadeiava a sociedade.”

Até o início do Renascimento — como é sabido — as investigações no domínio da astronomia eram determinadas de maneira onipotente pelo sistema geocêntrico de Ptolomeu — que gozava do beneplácito da autoridade eclesiástica. O sistema de Ptolomeu, condensado em sua obra — o “Almagesto” — afirmava que a terra era imóvel e se encontrava no centro do universo. Uma das primeiras observações de Copérnico foi demonstrar que a teoria de Ptolomeu sobre os movimentos da lua era falsa, e que entre a terra e a lua existia a mesma distância, em todas as suas fases.

O SOL NO CENTRO

O alcance das concepções do grande humanista pode ser avaliado pelo arrôjo de afirmar — ainda em pleno século XV — que nosso planeta não era o astro privilegiado criado pelo poder do *Gênesis*, e negar em nome da razão o *magister dixit* imposto pelo pensamento escolástico a todo o mundo medieval.

“A terra, ao mesmo tempo que os elementos mais próximos — afir-

ma Copérnico em um de seus primeiros manuscritos — cumpre uma revolução de vinte e quatro horas em um movimento invariável: o firmamento, do mesmo modo que o céu, ficam imóveis.” Essas palavras de Copérnico impregnam de um sentido revolucionário e de independência toda a ciência da natureza. “Ele repetiu, por assim dizer — acentua Engels — o gesto de Lutero, quando atirou ao fogo a bula papal.”

No ano de 1543, ano de sua morte, era editada em Nuremberg, a obra máxima de Copérnico — “Revoluções dos globos celestes”. Ali, demonstrou a inconsistência do sistema ptolomaico e expôs a teoria heliocêntrica, segundo a qual no centro do universo se encontra o sol, e os planetas giram ao seu redor.

A significação de tal acontecimento foi incalculável. Deslocando a terra do centro do universo, o sábio deslocava com ela o himalaia dos dogmas medievais que esmagavam o pensamento humano, e estabelecia, como consequência, os fundamentos da concepção científica. Emancipava a partir dessa data as ciências naturais do jugo da teologia, as quais, desde então, ganharam enorme impulso, assim como todo o desenvolvimento científico.

Durante centenas de anos, o nome de Copérnico foi expoente das lutas pela liberdade do pensamento científico contra os preconceitos e restrições declarados e impostos pelo imperativo escolástico à mente humana. Os grandes pensadores do Renascimento, como Giordano Bruno e Galileu, tiveram por lema de combate a teoria de Copérnico ao enfrentarem a luta desesperada do poder secular dirigido contra a concepção heliocêntrica, que utilizou inclusive, dos recursos da inquisição.

NEM DEGRADAÇÃO NEM “MORTE TÉRMICA”

Que sentido tem para nós — na hora atual do mundo — a evocação da memória do sábio humanista e de sua valiosa contribuição? Como no passado, Copérnico continua a ser o símbolo de liberdade do pensamento científico, símbolo de luta contra todas as injunções à livre manifestação do pensamento, à liberdade de cátedra...

O pensamento retrógrado e o filisteísmo filosófico não descansam jamais nas suas tentativas de invalidar as conquistas científicas que visem ao progresso e à libertação do homem. Hoje, como ontem ten-

tam barrar o impulso investigador e crítico, instilando a tibieza e a dúvida nas soluções apresentadas pela ciência, desvirtuando o sentido dos objetivos relacionados com a situação do homem e o seu destino social. Não há muito, — na oportunidade de uma reunião da Academia de Ciências Pontifícia — o Vaticano proclamou a existência de uma lei de degradação da energia, da qual forçosamente se deve inferir a inevitabilidade do “envelhecimento do mundo”. Por um delicioso artifício lógico, chega o Vaticano ao prenúncio da futura morte “térmica” do universo, na ocasião do astrofísico Ambartsoumian estão aplicando o golpe de graça à teoria da “morte térmica” do universo.

A ciência burguesa em crise procura substituir os problemas reais por utopias conservadoras ou inofensivas, sem excluir as de falso aspecto científico, como a da degradação da energia — que tem por finalidade convencer de que o mundo caminha para um estado de repouso, exatamente o mesmo mundo sub lunar destruído por Copérnico.

A propósito, diz o escritor Jean Dienne, que a ciência burguesa em crise, tal como aparece nessa manifestação do Vaticano sobre a ciência moderna, tenta “frear o desenvolvimento, não somente da ciência como da reflexão filosófica dos sábios e encobrir as consequências políticas eventuais de tal reflexão. É uma tentativa de confiscar a ciência em benefício simplesmente do imperialismo.”

Todas as manifestações anti-científicas — e notadamente essa do Vaticano — respondem às necessidades dos círculos monopolistas americanos, que são os mentores da reação ideológica e política no mundo. De um lado, evidencia-se o esforço desesperado de impedir a marcha do progresso humano para a construção de um mundo melhor, e de outro, a tentativa de desviar os cientistas do método materialista dialético, o único que permite o desenvolvimento da ciência.

A porta da modesta casa em que nasceu Copérnico, nos arredores da cidade polonesa de Torun, há uma inscrição tocante: “Ele deteve o sol e pôs a terra em movimento...”

O movimento que Copérnico imprimiu à terra é a própria história do mundo da razão e do progresso. Por esse caminho avançam os povos em busca de um futuro isento de destinos compulsórios, a não serem os destinos criados pela ciência e pela ação do próprio homem.

O ANO COPERNICO NA POLÔNIA E NO MUNDO

Das cerimônias comemorativas em honra de Copérnico realizadas em sua cidade natal de Torun destacaram-se um concerto executado pela Orquestra Filarmônica no antigo hotel de Ville. O programa compreendeu obras de inspiração histórica, tais como "M. Twardowski", de Rozyczki, o "Concerto Gótico", de Panufnik, a "Concertante", de Milwid-Krenz.

* * *

Uma exposição organizada pelo Museu do Litoral foi instalada conjuntamente com uma segunda exposição, esta última inteiramente consagrada à vida e à obra de Copérnico.

Sob as auspícios do Comitê Búlgaro dos Defensores da Paz e da Academia Búlgara de Ciências foi organizada uma cerimônia, na data comemorativa do sábio polonês, finda a qual, a assistência dirigiu calorosa mensagem de simpatia ao povo polonês.

* * *

Para tornar mais conhecida a obra e a contribuição de Copérnico, a Sociedade de Popularização da Ciência fez realizar o ano passado cerca de 3.217 conferências sobre a vida e a obra do grande humanista, as quais foram ouvidas por mais de 23.500 pessoas.

* * *

Além da monumental obra, em seis volumes, "De revolutionibus orbium coelestium", em polonês e em latim, está sendo editada na Polônia outra obra de Copérnico, intitulada — "Commentariolus", surgida no ano de 1512, e também uma edição dos escritos econômicos e outras de Copérnico.

* * *

Na sala das Sociedades Científicas de Paris foi comemorado com toda solenidade uma homenagem a Copérnico, sob o patrocínio da revista "La Pensée". O ato foi presidido pelo prf. Joliot-Curie, que se referiu à importância revolucionária da obra de Copérnico, grande humanista e patriota polonês, bem como sobre a importância de sua

N I C O L A U

MÁRIO SCHEMBERG

Em 1543, Copérnico agonizante, pôde ver as provas de sua obra imortal — "De Revolutionibus Orbium Coelestium". Charles Singer dá-nos uma bela imagem da grandeza do acontecimento: "Quando as folhas das provas do 'De Revolutionibus Orbium Coelestium' tombavam esvoaçando da mão moribunda de Copérnico, muito mais do que um grande espírito se fôra do mundo: todo o sistema da ciência medieval deixara de existir."

O aparecimento da teoria de Copérnico constituiu um acontecimento capital na história da humanidade, por três motivos distintos: estava lançada a base de toda a astronomia do sistema solar; ruíra a concepção antropocêntrica do Universo, e sobretudo fôra declarada a independência da ciência natural em relação à teologia e à religião.

Diz Engels na introdução da "Dialética da Natureza": O ato revolucionário, pelo qual a ciência da natureza prelamou a sua independência, repetindo, por assim dizer, o gesto de Lutero quando atirou ao fogo a Bula Papal, foi a publicação da obra imortal, na qual Copérnico, se bem que tímidamente e, por assim dizer, só, no seu leito de morte, desafiou a autoridade eclesiástica no que diz respeito às coisas da natureza. Dêsse ato, data a emancipação da ciência natural em relação à teologia, ainda que a luta em torno de questões particulares se tenha prolongado até nossos dias e em muitos espíritos ainda esteja longe de acabar. Contudo, desde então, o desenvolvimento das ciências prosse-

guiu a passos de gigante e, poderíamos dizer, ganhou forças proporcionalmente ao quadrado da distância (em tempo) do seu ponto de partida."

Como todos os grandes inovadores, Copérnico sintetizou a obra de seus precursores e elevou a ciência a um nível mais alto, enriquecendo-a com sua contribuição genial. Eufanto, de Siracusa, já havia descoberto a rotação da terra em torno de seu eixo. A concepção heliocêntrica surgira também com os pitagóricos e recebera uma formulação notável na época helenística com a obra genial de Aristarco de Samos. Todavia, Hiparco e Cláudio Ptolomeu rejeitaram o sistema Aristarco, dando preferência à concepção geocêntrica de Eudoxo de Cnido, deixando-se guiar pelas aparências e, possivelmente, receando atacar as concepções religiosas e astrológicas já então associadas às esferas cristalinas girantes ligadas ao sol, à lua, aos planetas então conhecidos e às chamadas estrelas fixas. Durante mais de mil e trezentos anos, o sistema geocêntrico do "Almagesto", de Ptolomeu, dominou todo o pensamento astronômico. Não foram, contudo, esquecidas as idéias dos pitagóricos e de Aristarco de Samos. Marciano Capella dedicou-lhes referências, que provavelmente influenciaram o pensamento de Copérnico. Aliás, em sua carta ao Papa Paulo III, Copérnico menciona referências de Cícero e de Plutarco à concepção de uma terra móvel.

No tempo de Copérnico, os resultados das observações não eram incompatíveis como o sistema de Pto-

lomeu, de modo que a necessidade de abandonar o sistema geocêntrico derivava apenas de um sentimento de que o engenhosíssimo sistema dos ciclos, excêntricos e epiciclos fôsse artificial e inutilmente complicado. Críticas nesse sentido tinham sido feitas por Domênico Maria Novara, mestre de Copérnico, em Bolonha. Para suplantarmos o sistema geocêntrico, era necessário mostrar que todos os fatos conhecidos podiam ser explicados quantitativamente de modo mais simples e convincente pelo sistema geocêntrico. Essa tarefa gigantesca foi realizada por Copérnico, que calculou tábuas dos movimentos planetários e também previu fatos novos então desconhecidos, como a existência de fases de Vênus. Por meio da luneta, Galileu pôde observar as fases de Vênus e confirmar a genial previsão de Copérnico. Um dos maiores triunfos de Copérnico foi a elucidação da misteriosa retrocessão dos planetas.

Tôdas as concepções astronômicas da Antiguidade e da Idade Média assentavam sobre a idéia de que os corpos celestes descreviam órbitas circulares. Copérnico não se libertara ainda do preconceito do movimento circular dos corpos celestes. Isso impediu que pudesse se desfazer inteiramente de todos os epiciclos e excêntricos do sistema ptolomaico. Com a introdução do sistema heliocêntrico, Copérnico conseguiu reduzir enormemente o número dos epiciclos necessários, e assim mostrou que no sistema heliocêntrico a explicação dos resultados das obser-

fundamentos

obra na libertação do espírito humano, sufocado pelas superstições.

* * *

Em artigo aparecido no semanário "LETTRES FRANÇAISES", o prof. Joliot-Curie, referindo-se à revolucionária contribuição de Copérnico, destaca com estas palavras o gênio universal do grande humanista e patriota: — "A obra de Copérnico provocou grande mudança na maneira de interpretar os fenômenos da natureza e ajudou poderosamente a basear essa interpretação em idéias racionalistas sobre a natureza e, também, sobre o homem e a sociedade."

* * *

O Comitê de Honra do Ano do Renascimento, por ocasião do 41 ani-

versário, assim examinou as conquistas do povo polonês nos seis anos de atividade iniciadas no final da última guerra: "O ano de 1953 — aniversário do Renascimento Polonês — aprofundará o conhecimento científico da época, demonstrando nossa contribuição à cultura de toda a humanidade e nossa participação na luta pelo progresso, proporcionando às mais amplas massas da população as conquistas culturais dessa época. Com isso, reforçará os vínculos que unem o povo na construção do socialismo às tradições seculares do progresso, como também estreitará seus laços com as forças de vanguarda do mundo, as forças do progresso e da construção do socialismo."

* * *

Visitam a Polônia, por ocasião das comemorações a Copérnico várias delegações estrangeiras e destacados elementos do movimento da paz de diferentes países, convidados pelo Comitê de Honra do Ano Copérnico e pelo Comitê de Defensores da Paz.

Nos atos realizados nessa oportunidade, em julho do ano findo — participaram, representantes da Alemanha Oriental, da República Argentina, da Áustria, da Birmânia, da Tchecoslováquia, do Chile, da China, da Dinamarca, da França, da Holanda, da Hungria, da Índia, do Irã, do Canadá, da Noruega, da Romênia, da Suécia, da Suíça, da União Soviética, etc.

* * *

COPERNICO

vações astronômicas era infinitamente mais simples. Caberia ao seu grande continuador, Kepler, libertar a astronomia do preconceito do movimento circular, com a descoberta de que as órbitas planetárias são elípticas, e dar o golpe de graça na concepção das esferas cristalinas girantes dos corpos celestes.

É quase impossível, para nós que vivemos na era post-copernicana, avaliar a audácia intelectual e a coragem necessárias para investir — em pleno século XVI — contra a concepção geocêntrica, santificada pela teologia medieval e à autoridade bíblica, e gozando de todo o prestígio milenar do sistema de Ptolomeu.

No sistema de Copérnico, desempenham um papel fundamental, tanto o movimento de translação circular da Terra em torno do Sol, como o da rotação diurna da Terra em torno do seu eixo, já considerado por Eufanto. As consequências mais chocantes para a teologia e as observações cotidianas resultam, aliás, da rotação da Terra em torno de seu eixo. Um dos aspectos mais notáveis da obra de Copérnico consiste precisamente em sua admirável compreensão da relatividade do movimento, idéia que iria desempenhar um papel cada vez maior na física.

As consequências filosóficas do sistema de Copérnico foram imediatamente apreendidas por Giordano Bruno: o universo infinito e a pluralidade dos mundos; a livre mobilidade dos corpos celestes e a inexistência das esferas cristalinas rígidas.

O choque sofrido pela teologia fôra devastador, e a reação das autoridades eclesiásticas contra as doutrinas de Copérnico e seus discípulos foi das mais violentas. Giordano foi queimado vivo, como herético, em 1600, e Galileu sofreu a perseguição do Santo Ofício, a partir de 1619, tendo a teoria de Copérnico sido declarada "falsa e totalmente oposta às Santas Escrituras".

A obra de Copérnico foi posta no Index, em 1616, e só em 1822, autorizada a sua publicação pelo Papa Pio VII. Contudo, oito anos mais tarde, ainda não fôra possível encontrar clérigos para officiar na inauguração do monumento de Copérnico, em Varsóvia.

Copérnico foi uma das maiores e mais características figuras de uma das épocas mais brilhantes da humanidade: A Renascença. Como diz Engels: "foi a maior revolução progressista que a humanidade vivera até então; uma época que exigia gigantes e produzia gigantes — gigantes pelo poder do pensamento, pela paixão, pelo caráter, pela universalidade e pelo conhecimento. Os homens que estabeleceram a liderança moderna da burguesia nada tinham das limitações burguesas... Os heróis daquela época ainda não haviam sofrido a servidão da divisão do trabalho, cujos efeitos restritivos, causadores da unilateralidade constatamos tão frequentemente nos seus sucessores. O que é, porém, mais característico deles é que quase todos vivem e exercem suas atividades no meio dos movimentos contemporâneos, nas lutas práticas; tomam partido e participam das lutas, uns falando e escrevendo, outros

com o gládio, muitos das duas maneiras. Daí, a plenitude e a força de caráter que os tornam homens completos. Homens de gabinete são a exceção — personalidade de segunda ou terceira ordem os cautelosos filisteus, que receam queimar as mãos."

Astrônomo, matemático, médico e jurista, Copérnico participou igualmente da vida política do povo polonês enriqueceu a economia com importantes contribuições teóricas. Em 1519 e 1526 elaborou memórias econômicas importantes para a Dieta da Prússia. Em seu estudo, datado de 1526, "De monetæ cudendæ ratione", Copérnico abandonou totalmente as concepções feudais da moeda e expôs, pela primeira vez, os pontos de vista do capitalismo nascente.

Como todo grande homem da Renascença, Copérnico foi um artista, e legou-nos dois auto-retratos, os únicos retratos originais até agora conhecidos.

O povo polonês, liberto, comemora este ano o IV Centenário da morte de um de seus filhos mais ilustres, o grande sábio e humanista, uma das mais eminentes figuras da história da humanidade. Como todos os povos do mundo, o povo brasileiro reverência a memória do grande libertador do pensamento científico.

Para os cientistas e intelectuais brasileiros, Copérnico sempre será um exemplo de amor à ciência, de confiança inabalável na razão, de patriotismo, e fonte perene de inspiração.

SÉCULO DE CAPISTRANO DE ABREU

ABGUAR, BASTOS

A vinte e três de Outubro de 1853 nascia Capistrano de Abreu, em Maranguape, no Estado do Ceará. Todo o país comemorou, ano passado, o centenário de seu nascimento e se viu, então, Capistrano emergir das homenagens como verdadeiro gênio polímorfo da cultura brasileira. Porque o Famoso conterrâneo do Barão de Studart outro severo e vicejante cultor da história pátria, não se projeta, em nossas letras, tão só como emérito e paciente investigador de anais e documentários então inéditos, porém como interessado em assuntos da história natural, como etnógrafo, linguista, folclorista e geógrafo. Toda a sua obra é agitada de iniciativas culturais, de roteiros novos, de orientações definidas. Foi um dos mais brasileiros homens de pensamento, porque outra coisa não fez senão descer ao abismo (pela irrevelação) das mais fecundas realizações de nosso povo e é num período de pouco entusiasmo por nossas heranças de história e tradições (fim do século XIX e princípio do XX) que Capistrano investe no caminho da pesquisa e da interpretação, da tradução e da divulgação, do que se tornava essencial ao conhecimento do nosso passado.

Seu interesse pela posição científica da cultura começa com a tradução de "Os mamíferos do Brasil" e "Aves do Brasil", de Goeldi, que fundou o Museu Paraense, que tem o seu nome. Obras sem a profundidade de um "Sertum Palmarum" de Ladislau Neto, foram, entretanto, materiais novos a serviço da identificação de nossa fauna, a serviço da História Natural.

Como etnógrafo começa pela tradução dos trabalhos de Ehrenreich e prossegue ao estudar a língua dos bairris, ao gizar a introdução ao "Princípio e Origem dos Índios", de Cardin, até o seu famoso e, nem por isto, muito conhecido "Rã-Txa-Hu-Ni-Ku-I" (fala da gente verdadeira) ou língua dos Caxinauás.

Si há trabalho de novidade, fôlego e paciência, é este. Incorpora-se, com a mesma altura, na galeria em que figura Stradelli, Karl Von Den Steinem ou Martius. O levantamento que faz de fábulas e costumes de dois índios trazidos ao Ceará (Bôrô e Tuxini), igual em valor a outras perquirições, "in-loco", de um Kurt Niendmenjû, de um D. Frederico Costa, de uma Amorim ou, con-

temporaneamente, de um Nunes Pereira, que descobriu Bahira, um novo herói florestal.

Bastaria "Rã-Txa Hu-Ni-Ku-I" para imortalizar Capistrano, porque, na sua originalidade, é uma das fontes mais preciosas de nosso folclore, um dos testes mais curiosos da imaginação do brasilíndio.

Vejamos como o caxinauá conta a história do Maria de Barro:

"Assim fez o Maria de Barro. Minhas gentes viam sem casa, sem panela (ninho). Maria de Barro assim fez para ensinar minhas gentes. Maria de Barro mostrou sua panela a minhas gentes. Disseram: eis a panela de Maria de Barro. Maria de Barro defendeu sua panela, quiz beliscar, fugiram. Maria de Barro foi atrás e disse: "Queres ter tua casa minha gente?". Responderam: "Morar queremos". Maria de Barro disse: "eu te ensino. Vai tirar barro para fazer panela". Foram tirar barro e Maria de Barro começou a fazer panelas dizendo. "Olha, minha gente". Os caxinauás olharam, sentaram-se. Para caxinauás Maria de Barro fez panela. Cozinham comida. Comeram. Agora Maria de Barro diz: "Ide, varões, tirar muito, muito barro e assim como panelas fazeis, fareis vossas casas". Barro foram tirar e Maria de Barro fez casa para queles. Aí os velhos disseram: "Maria de Barro em inteligencia. Fez panela e fez casa para nós."

Com esta singeleza eminentemente poética, o caxinauá revela que no ninho do João de Barro (que é o seu Maria de Barro) os primitivos homens da selva se inspiraram para fazer suas louças de cozinhar comida e, em consequência, seus alguidares, seus potes, suas iguarias para enterrar os mortos. Também aí se inspiraram para levantar suas primeiras casas de barro, mais sólidas que as de palha, que mais tarde seriam refúgio de caçadores e depósito de caça, como entre os chavantes.

Entretanto, Capistrano parecia um ser tentacular, sonhando abraçar todas as fontes perenes de nosso trabalho e de nosso heroísmo. Em "Capítulos de História Colonial", estudo de um período que vai de 1500 a 1800, em que se entremeiam notícias extraordinárias dos antecedentes indígenas, dos primeiros descobridores, dos pri-

A

C

R

BRAULIO PEDROSO

Quem soube primeiro foi D. Marilda, apanhando um pedaço de conversa vindo da sacristia. Depois do almoço a cidade inteira já estava a par. Tanto que à noitinha, na hora costumeira da reza, quando o sr. Vigário com uma pronúncia teutônica anunciou a grande nova teve mais efeito de confirmação, do que de surpresa.

O reboliço virou a cidade de pernas para o ar. Há quatro anos que Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Água Doce não visitava Cipoal. Nesse interim muita gente nascera e morrera. E as que andavam por esse mundo teriam agora oportunidade de uma recomendação categorizada para o outro, pois que com a estada do sr. Bispo se processaria a crisma. As mães, as avós, as tias foram tomadas de febre religiosa. Uma contaminação geral na cidade. As recordações de antigas crismas voltavam à baila, transfiguradas, exageradas.

A criança de olhos grandes não perdia um dedo de prosa, adornando a seu modo a cerimonia religiosa com muitas rezas, cantos, raios de sol tendo Nosso Senhor lá dentro e batinas todinhas de ouro reluzente. E o tal de tapinha no rosto, que despertava tanto interesse, adquiria o dom de um toque mágico de fada que transporta a criança para o mundo das mil e uma maravilhas.

— Mãe! Eu também quero ser crismado!

Essa frase foi muitas vezes ouvida e repetida, nas casas da cidade e nos casebres de barro dos colonos nas fazendas, onde a notícia já havia chegado.

Só alguns molecotes renitentes, que em suas conversas afirmavam aos amigos que não eram trouxas de ser crismados.

— O Bispo dá surra de pau na gente!

Aquela história de apanhar embatucava a meninada. O fato é, que com tapinhas no rosto ou com pauladas

fundamentos

meios conflitos, das capitanias hereditárias, das guerras flamengas, do sertão e formação dos limites, Capistrano se autoriza o maior conhecedor dos assuntos coloniais, com o mesmo poder de investigação, porém com maiores rigores técnicos, de um João Francisco Lisboa.

“Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil” é outro trabalho de conexão dos vários fatores então dispersos da fixação do homem à gleba e, em consequência, da formação urbana do Brasil. Ninguém pode falar em povoamento, em rotas antigas a serviço das bandeiras, do gado ou do comércio, sem que tenha de ir a Capistrano, através de seu magnífico estudo, até hoje incólume às contestações ou retificações.

Revelou-se sempre cuidadoso nos informes. Odiava os repetidores, os que não se dedicavam à descida aos originais, aos manuscritos, aos arquivos, para revelar algo até então obscuro ou em segredo de torre de tombo.

Suas anotações e introduções a várias obras históricas serviram para lhe aumentar o prestígio de sábio, a quem todos recorriam com admiração e respeito, porque viam nele a autoridade proba, o compulsador quase heróico no esforço e na pertinácia, o que procurava, sem cessar as raízes, os nodulosos troncos da história, e, por isto mesmo, se insurgindo contra os detalhes, os ramos, sem a plétora da gênese. É Afonso de Taunay, seu ex-aluno de história, que conta de sua irritação quando o então diretor do Museu Paulista lhe informara que iria escrever uma história dos Capitães-gerais. Capistrano logo chamou o intento de “trivial”, porquanto, dizia, “o grande século dos paulistas era o décimo sétimo, prolongando-se até o Anhanguera”. O resto, afirmara, era fazer “história de governos”.

Admirado por sábios estrangeiros como Reclús, foi contemporâneo de uma plêiade de homens de excepcional envergadura, no estudo e no saber. Formaram, por assim dizer, nas primeiras décadas do nosso século a monumental escadaria que deu acesso ao nosso verdadeiro monumento da história pátria.

Falar em Capistrano é falar também no seus discípulos e nos seus amigos, nos seus seguidores e nos seus companheiros de pesquisas. É falar no Barão de Studart, em Roquete Pinto, em Mozart Monteiro, em João Lúcio de Azevedo, em Batista Caetano, em Ramiz Galvão, em Afonso de Taunay, em Vale Cabral, em Basílio de Magalhães, em Ronald e muitos outros de sua época.

Seu último artigo foi “A morte de Anchieta no Brasil”, como coincidente homenagem aos paulistas, que comemoram, às portas do centenário do nascimento do

sábio, o seu IV Centenário de fundação urbana. E ainda, como nova coincidência, ao morrer, estava escrevendo sobre a introdução do café no Brasil.

Seu devotamento aos estudos paulistas está realçado nos vários estudos que fez, em que se inclui o seu “Paulística”.

Como geógrafo, deu uma contribuição notável à geografia humana do Brasil através do seu “Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil”.

Mas, Capistrano, não é só o homem afogado nos alfarrábios ou nos palimpsestos. Ele também se destaca como figura humana, interessado nos problemas do povo e de uma sociedade melhor. Sabia distinguir a liberdade do pensamento e de convicções, — essencial ao desenvolvimento do progresso e da cultura —, das direções impositivas e dogmáticas, quer políticas, quer filosóficas, que, por ventura, servissem apenas aos interesses do obscurantismo e da intolerância. Por isto mesmo não deteve a pena ao assinalar com suas anotações e o prefácio a “Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil etc.,” onde se pode ter uma idéia bem clara dos processos terroristas e homicidas da Inquisição.

Foi um admirador dos efeitos da Revolução Russa de Outubro, sob a chefia de Lenin, sobre quem teria escrito, com entusiasmo, ao mesmo tempo que se voltara igualmente, com júbilo patriótico, para os sucessos da Coluna Prestes.

O estudioso da civilização brasileira sentia necessidade de novos rumos, também tinha sede de progresso e liberdade para seu povo e sua pátria.

Capistrano faleceu em Agosto de 1927 e, além de seus prolegômenos, introduções ou prefácios, notas e comentários em obras traduzidas ou em primeira editadas, podem registrar-se nas livrarias, além das que citamos, as três séries de seus Ensaio e Estudos (Crítica e História) e “O Descobrimento do Brasil”.

Nas comemorações do centenário do nascimento de Capistrano, foram emitidos selos de Cr\$ 0,60, em cor azul e de Cr\$ 5,00 em cor violeta, com a efígie do historiador e como efeito do decreto 1.896 do Poder Legislativo. A tiragem total de selos foi de 2.000.000.

O “Prêmio Nacional Capistrano de Abreu” conferido ao melhor autor de estudo histórico, baseado em pesquisas originais, coube ao historiador e ex-discípulo de Capistrano, Afonso d'Escagnolle Taunay, principalmente pela sua maciça “História das Bandeiras Paulistas”.

Assim, Capistrano de Abreu, continua cada vez mais vivo, porque, cada vez mais o Brasil se incorpora ao seu passado mais heróico e às suas tradições mais gloriosas e humanas.

ISMA

nas costas, todos desejavam ser crismados, para vêr como era.

* * *

Os pés deformados de Belarmino de sempre andarem descalços pisaram o chão de terra batida da casinhola de pau-a-pique. Vinham cansados depois de um trabalho de sól a sól. Não faziam ruídos e a mulher se assustou quando de repente ouviu a voz do marido.

— Tá chegando a hora da crisma, carece convidar o Zé Negrão pr'a padrinho.

* * *

Os pés calçados de sapatos novos, comprados numa loja de São Paulo, rangiam pisando o soalho brilhante da sala de visitas. Vinham bambos de tanta cachaça ingerida no Bar do Quincas. D. Marilda levantou os olhos do bordado, ia recriminá-lo. Mas Osório muito ladino, cachaceiro contumaz desde tempos anteriores à sua nomeação para Gerente do Banco do Brasil, escapuliu-se

da refréga. Fez lembrar à mulher que faltava padrinho para o Toniquinho.

— Que você acha do Vicente da Margarida?

— Vicente da Margarida! Deus nos livre daquele muquirana!

— Mas quem, então?

Quem? D. Marilda largou o bordado. Pôs-se a fitar um ponto fixo. Passava em revista a gente endinheirada da cidade. Ajeitou os óculos para vêr melhor. E as enormes lentes assestaram a enorme fortuna do Coronel Fabiano. O Coronel Fabiano por que não? Rico e forte na política. Apadrinhamento melhor não haveria.

* * *

Belarmino não escolheu hora e nem lugar. Sem rodeios entrou direto no assunto. Foi, ali mesmo, fazendo um roçado no pasto grande que convidou Zé Negrão para seu compadre. O riso de Zé Negrão brilhou mais que o sól, que naquele dia orvalhava sua carapinha de tão forte.

Mas Osório não pôde falar com o Coronel por culpa do Toniquinho. No domingo na saída da missa, diante de seus pais, convidara o Aparecido, entregador da padaria, rapazote querido da garotada. Aparecido encabulou-se, respondendo afirmativo com a cabeça, muito ruborizada. D. Marilda escondeu-se num riso amarelo, que contrastava fortemente com o chale preto que trazia sobre a cabeça. Apenas murmurou:

— É. Foi muito espontâneo do Toniquinho...

Quando Aparecido se afastou, cobriu o menino de beliscões.

— O seu porcaria, o que tinha de se meter!

* * *

Fôra tudo meticulosamente preparado. Os colegiais já se perfilavam diante da casa paroquial, aguardando a chegada de Sua Excelência Reverendíssima. Ao lado destes as irmandades de Santo Antonio e Sagrado Coração. E como não podia deixar de acontecer em todas as festividades religiosas, houve discussões e brigas. As querelas entre as irmandades vinham de longa data e seu Vigário pisava em braza quando lhe cabia resolvê-las. Esquivava-se constantemente dizendo ser sua função tratar de almas. Mas na última reunião, não houve meios, interviu com toda ascendência espiritual e física. Física, porque com um acontecimento de tamanho porte como a recepção ao senhor Bispo, nenhuma irmandade cederia um milímetro à outra. Resultado, empenharam-se com o ardor que exigia a situação, degenerando-se os animos em puxões de cabelos, mordidas e tapas. Ora, seu Vigário encontrou-se na contingência de perder aquelas almas para o Senhor caso não intercedesse. De braços para o Céu clamava pela Santíssima Virgem, pelas Cinco Chagas, mas teve mesmo que abaixá-los e distribuir safanões pagãos, acompanhados de palavras não menos pagãs. Tomou a si a decisão: A irmandade do Sagrado Coração ficaria nas primeiras filas, atrás se colocaria a de Santo Antonio, que na última procissão tivera o lugar de honra. Pronto. Justiça justa, sem contestação.

E é por isso que as irmãs do Sagrado Coração olham para trás com um risinho sarcástico nos lábios, enquanto as outras se removem de ódio, e não se dando por vencidas. Reagem. Maria da Glória recorda as rivais:

— Todas as terças-feiras, ouviram? No Vaticano rezada pelo Papa! Só para nós!

Ao falar enchia-se de um orgulho beato pela irmandade de Santo Antonio, dona de tão alta prerrogativa. Uma convicção profunda, no entanto, dizia-lhe que às terças-feiras no Vaticano era para ela, diretamente para ela, Maria da Glória Martins Figueira, que o Santo Padre orava.

A todos os instantes esperava-se ouvir o ruído dos motores do avião que trazia o Bispo de Água Doce. O padre adjutor olhava impacientemente para o alto da igreja. Lá na torre, os dois coroinhas, Antonio Carlos e Juquinha, aguardavam o momento, conforme haviam combinado com o padre adjutor, de badalarem estrepitosamente os sinos. Mas, acontece que nunca haviam estado em tais alturas, o máximo era, até então, o topo do mangueirão da casa do seu Antonio farmacêutico. Extasiavam-se com a vista. Que imensidão! Lá no fundo azulada, além dos pastos da fazenda do Coronel Fabiano, erguiar-se a serra, enorme, ocultando um mundo desconhecido. Aqui, sinuoso e amigo o ribeirão que contorna a cidade e o campo do Clube Esportivo Cipoalense. Para o lado, na colina, o aeroporto que esperava festivo o avião do sr. Bispo. Da paisagem voltam as vistas para a cidade. Reconhecem rua por rua, casa por casa.

O avião roncou além do horizonte. O padre adjutor olhou para a torre.

Os meninos divertiam-se com as gentes que lá de cima ficam esquisitas. Cabeçona em cima do ombro, ombro em cima dos pés. Surge a brincadeira.

— Quem é aquele lá, bem embaixinho de nós? dizia, Juquinha, apontando com o dedo.

— Ué, tá fácil demais. É o Antonio Feliciano.

O avião girou sobre Cipoal, uma, duas vezes e pouso. O padre adjutor olhou para a torre. Silêncio.

— Agora é minha vez! disse Antonio Carlos.

Insinuou-se no padre adjutor uma séria inquietação. A multidão, que ouvira o avião pousar, agitava-se. Es-

tava ansiosa para ver o Bispo, que em alguns minutos estaria ali em pessoa, diante dela. Tudo se movia, menos os sinos que continuavam impassíveis em seus postos. O padre adjutor perdia a calma. Tirou um lenço branco do bolso, acenando para cima disfarçadamente. Os sinos: imóveis. Agitou furiosamente o lenço. Os sinos: quietos. Não se conteve, pôs-se a berrar:

— Os sinos! Os sinos! Toquem os sinos!

Os meninos continuavam entretidos no jogo.

— Aquele é fácil pelo barrigão a gente vê logo que é o Chico do açougue.

Lá em baixo, as veias estouravam no pescoço do padre. Estava rubro de raiva, se pegasse um deles dar-lhe-ia uns bons pés-de-ouvido. Teve ímpeto de sair correndo e subir na torre. Retinham-no a falta de tempo e os tacos podres da escadaria. Berrava e gesticulava.

— Os sinos! Toquem os sinos!

O povaréu, por um minuto esqueceu-se do senhor Bispo, de queixo para o ar guardava a torre da Matriz de Cipoal. Súbito, alguém gritou:

— Aí vem o carro do senhor Bispo!

— Os sinos! berrou tão forte o padre adjutor que perdeu o fôlego, ficando de vista turva.

O automóvel entrou na praça. A idéia nova de cuspir nas gentes acabara de sopetão. Repinicaram os sinos. O padre adjutor, com auxílio de D. Marilda e outras senhoras, recuperou as forças.

Iniciaram-se os canticos, distinguindo-se a voz abaritonada de Dona Ernestina, puxadora-mór de procissão.

Nos dias de recepção o Coronel Fabiano vivia os momentos mais felizes de sua vida. Eram as honrarias, os risos largos e compridos afirmando seu prestígio. O lugarajo pertencia-lhe inteiro, mas nessas horas se sentia mais dono do que nunca. Em sua casa acolhera altas personalidades, até mesmo, o Ministro da Agricultura e o Governador do Estado. As suas ligações com as altas esferas político-governamentais faziam-no recepcionista oficial de Cipoal e circunvizinhanças. O que lhe envidiava a ponto de estufar como um peru, mudando a cinta de quatro furos. Foi assim grande, inchado, com ar de triunfo evolvendo pelo rosto, que desceu do carro trazendo pelo braço Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Água Doce. Ambos atravessaram as filas de colegiais e irmandades religiosas agradecendo as homenagens. O sr. Bispo, macaco velho, não sofria emoções, portando-se de um riso estereotipado, especial para tais circunstâncias. Mas o Coronel não, investia-se de um aspecto grave, próprio de um General que retorna vitorioso de encarniçadas batalhas. Não eram pirralhos e filhas de Maria quem lhe aclamavam, eram soldados, militarmente, perfilados.

Maria da Glória não susteve sua admiração ao ver as veneráveis barbas brancas que adornavam o rosto do sr. Bispo.

— Que ar santo que ele tem!

Ao que outra emendou:

— Que pele bonita!

Os discursos irromperam como uma comporta que se fende. Houve muitos, incontáveis, intermináveis. Dois foram elogiados e comentados, o do Prefeito e o do prof. Gaspar, lente de português do ginásio. O prof. Gaspar que na mocidade se dedicara à poesia, empregava, agora, sua veia artística na oratória. Construiu frases empoladas, em ordem inversa, de uma extensão quinhe-tista que pela obscuridade impressionavam vivamente os intelectuais da terra. Bom discurso, também, do Prefeito redigido pelo prof. Gaspar numa linguagem mais amena, resguardando, desse modo para si, a honra da melhor oração.

* * *

Não foi propriamente um concílio que se realizou. O padre adjutor apegara-se firmemente ao seu ponto de vista. Fôra difícil movê-lo.

Enfim, iniciou-se a venda de fichas para a crisma. A procura foi imensa. As filas que se formaram diante da casa paroquial, ultrapassaram todas as expectativas. Deixaram longe mesmo as do Cine S. Carlos, quando este projetou o filme nacional "O Cangaceiro". E ao vê-las longas, intermináveis, o padre adjutor não se conformava, sentia-se logrado, vítima de batedor de carteira. Se fossem vinte cruzeiros como havia dito...

"As artimanhas dos diabos de Lutero não seduzem o rebanho do Senhor", foram estas as palavras finais do sr. Vigário ao agradecer a doação do aparelho amplificador. A coléta para compra do alto-falante, surgira após a fundação do culto protestante na cidade, que lançara aquele modernismo de pregar sermões aos quatro ventos.

E agora a atenção, daqueles que esperam sua vez, volta-se para a bôca do alto-falante colocada entre as tôrres da igreja.

É a voz do Vigário:

— Olha o barulho! Olha o barulho! Crianças ajoelhadas. Os mais velhos não conversem, desencostem dos bancos...

Moderar o tom da fala:

— Pater noster, qui est in coelis...

Após a oração cala-se a bôca em forma de funil, começando tempos depois:

— Pater noster, qui est in coelis...

Os que estavam no lado de fora pressentiram o término da crisma. Levados pelo mesmo impulso, avançaram em direção à porta da igreja. O desejo era unânime: entrar e ser crismado. Muitos estavam ali há mais de duas horas, e outros haviam caminhado léguas antes de chegar. O sol impiedoso aumentava seus martírios. Estavam exaustos e impacientes. Os pequerruchos, que ignoravam o motivo daquele sacrifício, abriam a bôca num berreiro danado. As mães balançavam as crianças no colo, com os olhos cheios de esperança pregados na porta da igreja. Os pais conversavam, contavam piadas, picando fumo.

O filhinho de Belarmino não sossegava. O coitadinho tinha fome. Sua mãe puxou de dentro da blusa o seio magro de camponesa. O menino sugou vorazmente.

Aparecido radiante na postura de padrinho, falava por tôdas as juntas. D. Marilda estava de cara amarrada. Aquele aperto irritava, misturando-a com aquela gente de pé no chão, maltrapilha, fedorenta. "Devia haver separação. Um dia para gente de boa família e outro para aquela gentinha..." nem terminava de tanta indignação — "Vocês podem estar certos, hei de me queixar ao padre Lourenço."

A porta entreabriu-se. Apontou o nariz do padre adjutor. Foi o suficiente. A pressão aumentou, entrando todos aos trambolhões, escancarando a porta da igreja. O padre aflito apelava ao rebanho desembestado de fiéis:

— Ordem! Ordem! Pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Nem por Cristo, nem por Belzebú. Ninguém lhe deu atenção. Queriam entrar. E entraram. Os meninos trataram logo de se aboletar nos bancos. Pés batendo, gente falando, crianças chorando. E o filhinho de Belarmino sugando o seio murcho da mãe camponesa.

De soslaio o Bispo mirou aquela turba infernal. Um desânimo medonho acabou de afrouxar seus músculos. Abandonava-se no trono episcopal, mal retendo entre os dedos o evangelho. Há muito que não virava a página. Um sono safado amolecia as pálpebras, que fechavam languidamente.

O sr. Bispo possuía recordações vivas de sua terra natal. A longa permanência no Brasil, todavia, pusera no ocaso o hábito de comidas leves, de verduras alimentícias. Acostumara-se com a comida daqui, pesadona. Habituar-se é certo, mas do torpor não conseguia escapar. O tutu de feijão e o pernil que almoçou na casa do Coronel Fabiano, pesavam como chumbo no estomago. O corpo parecia ter triplicado de peso, e os músculos surpreendidos arriavam, pediam cama. As pálpebras insistiam em baixar. As letras da parábola de S. Mateus embaralhavam-se. Escapuliam da página. Não conseguia retê-las. E a página sem letras, branca, foi crescendo, transformando-se numa cama de lençóis brancos, muito brancos, cheirando a limpo, e sobre a cama, êle, de cuécas, esparramado, pernas abertas, mãos na barriga, numa sonéca gostosa.

D. Marilda indicou a Tiburcinho o trono episcopal.

— Agora, meu bem, o sr. Bispo está em meditação.

Os bancos que foram postos em duas alas, que se estendiam da porta principal ao altar-mór, estavam apinhados. O espaço vazio entre os bancos aguardava o sr. Bispo. As crianças não abandonavam o choro. Os pais conversavam.

A gente da cidade falava de mulheres. Osório ouvia o colega do Banco da Lavoura sobre uma carinha nova da casa de tia Zulmira.

— É um brinco, homem. Só tem dezesseis anos!

A gente da roça falava de doença. De doença que varava dos dedões do pé, até as órbitas remelentas.

— A filhinha já sarou? dizia um.

Belarmino contava o caso da vaca môcha que se cortara na cerca de arame farpado. Só Zé Negão que emudecera. Era o padrinho e compenetrara-se de seu papel. Esperava ansioso o menino acabar de mamar, para segurá-lo e "seo" Bispo crismar. Olhava impaciente as bochechas do menino, que não paravam de chupar.

O vigário deu início:

— Pater noster, qui est in coelis...

O sr. Bispo enchapelou-se de mitra. Com passos lentos desceu o altar em direção ao corredor de bancos. À frente do séquito o sacristão recolhendo as fichas, atrás o Vigário com o óleo santo e o algodão para limpar a testa dos crismados.

A figura do Bispo operava milagres diante das crianças. Serenavam, examinando demoradamente o chapéu longo, as barbas brancas de Papai Noel e o anelão de ouro que viam por último quando recebiam o tapinha. As moças das irmandades admiravam-no inteirinho, vendo-o bem próximo. Não deixam escapar nada, o aspecto venerável, a mitra, as barbas e os olhos semi-cerrados, languídos. Soltavam exclamações:

— Que doçura no olhar!

O rapazola ao lado do prof. Gaspar apurou os ouvidos.

— Zum, zum, zum, hum, zum zum, hum...

Disse não compreender. Ao que seu vizinho em tom professoral respondeu:

— É latim.

— Ahn! rosnou o rapaz.

Zé Negão desapontou. O "seo" Bispo chegou fazendo zum-zum e cruz na testa do menino, que nem parou de mamar.

Sua Excelência Reverendíssima encaminha-se para o altar. O sr. Vigário segura-o pelo braço, segredando-lhe no ouvido que ainda faltava gente. E foi, também, o sr. Vigário que segredou no ouvido do padre adjutor para substituir o sacristão que não afastava as pessoas sem fichas, pois que o sr. Bispo crismava toda testa que estivesse à mostra.

Mais uma volta. Terminou a crisma. Os padres subiram no altar. Todos em genuflexão. Os adultos, em cântico, repetiam as palavras do Vigário. As crianças, bem crianças, ainda choravam. Feita a devida preparação o Bispo entra em cena. Levanta o braço. Corta o espaço quatro vezes. Pronto. Todo mundo beatificado.

O rapazola não se convencera com o latim.

Aparecido que sonhara com uma crisma bonita, em que êle pusesse a mão no ombro do afilhado, que rezasse junto compungido, decepcionara-se. Fôra tudo tão rápido, que na memória fixara apenas o anelão do Bispo e o algodão sujo do Vigário. Saiu aperreado.

D. Marilda resmungava. Queria uma coisa mais reservada, cerimoniosa. Haveria de se queixar ao Vigário. Ião ver como haveria.

Belarmino estava descoroçoado, furioso. Varara nem sei quantas léguas, pagara a taxa de dez cruzeiros, para aquilo? Dez cruzeiros, sim senhor, meio-dia de trabalho! E seu dia de trabalho não é brincadeira, começa quando sol desponta e termina quando sol se esconde. Meio-dia de trabalho, tanta canseira e suor. "Tapeação, isso sim, sim roubalheira da grossa, filho meu não crisma mais".

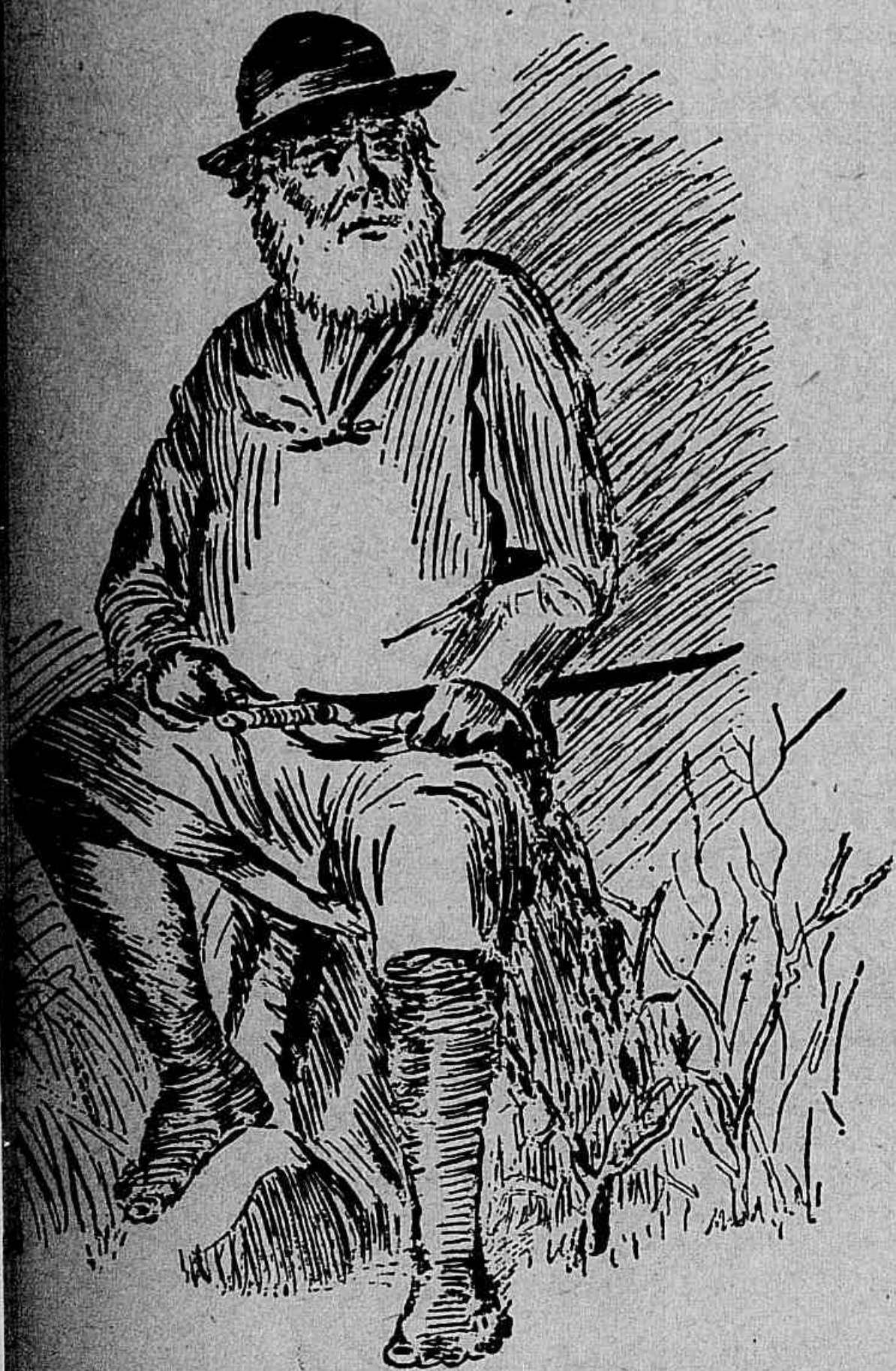
Nessa mesma noite os clérigos reuniram-se na casa paroquial. Fez-se o balancete da venda de fichas. Ponderou-se sobre as almas que ainda não haviam recebido a confirmação. Eram muitas. No dia imediato novamente se ouviu, através do alto-falante, a pronúncia teutônica do sr. Vigário:

— "Em especial deferencia ao elevado sentimento religioso do povo de Cipoal, Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Água Dôce concederá mais dois dias de crisma. As fichas para o ato religioso... etc., etc., etc."

* * *

CONTESTADO, GUERRA CAMPONESA DO BRASIL

NOEL NASCIMENTO



A grande sublevação sertaneja do CONTESTADO é ignorada pelos historiadores e povo brasileiro, apesar de ter sido um dos acontecimentos de maior importância e significação de nossa História. Assoma das lutas sociais de nosso povo, pelo caráter nitidamente revolucionário e nacionalista.

Dado à trama coletiva, à conjura, à rebelião, à convicção arrebatadora, ao preparo político jagunço, à organização quase perfeita; ao arrebanhamento do gado das fazendas e ao apossamento das glebas; ao aprisionamento e morte dada aos latifundiários; aos propósitos e objetivos reivindicatórios; à colossal resistência armada oferecida às compactas e poderosíssimas legiões da União e Estados diretamente interessados no antigo território das Missões; — foi o CONTESTADO a guerra camponesa do Brasil.

Consideramos um dever revelar os nossos autênticos e verdadeiros heróis esquecidos com a nossa maior epopéia camponesa. Careceram-nos, ao Paraná e Sta. Catarina, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato.

— Homens da côr de cobre, tostados do sol, caboclos em andrajos agregados, capatazes, tropeiros, tarefeiros de madeira e erva-mate, sitiantes, roceiros, criadores, posseiros, colonos uns, outros pequeno comerciantes; surgem como os primeiros guerrilheiros camponeses de nossa pátria, eis que em luta sangrenta contra latifundiários, governos, trustes estrangeiros. Falta-lhes para a efetiva conquista de seus direitos a ação conjugada e a direção da classe operária emancipadora. Sem esta não poderia o levante atingir os objetivos reais.

Batiam-se renhidamente pela extinção dos latifúndios e extirpação dos trustes estrangeiros que exploravam em proveito próprio as nossas riquezas minerais. “Pelados”, “jagunços”, “fanáticos”, eram chamados os gloriosos sertanejos com desprezo, ódio e escárnio, pelos que eles, por sua vez, tratavam como “peludos”, “pés redondo”; “misérrimos”, em retribuição.

Em Campos Novos, Irani, Taquarassú, Tamanduá, Caraguatá, São João dos Pobres, Miguel Calmon, Campo dos Pardos, Campo das Perdizes, Taquara Verde, Liberata, Trombudos, Barriga Verde, Caçador, Rio do Peixe, Capinzal, Herval, Timbó, Corisco, Timbózinho, Rio Preto Xanxerê, Três Barras, Canoinhas, Sto. Antonio, Sta. Maria, enfim, em toda a zona conflagrada; — havia consciência das causas e razões da insurreição, embora o movimento se revestisse de uma crosta religiosa, e não fôsse politicamente bem dirigido, pois além de não contar com o comando da classe operária, os rebeldes eram vítimas da ideologia do inimigo.

Insurgindo-se contra o poder legal constituído, sabiam porquê e para quê lutavam, apenas ignoravam que governo seria capaz de realizar a reforma agrária e terminar a exploração de um homem pelo outro. Constituíram pois, simplesmente, uma a seu modo, coroando Imperador *Rocha Alves*, nomeando Ministros *Chico Ventura*, *Praxedes* e *Joaquim Vidal*; todos matutos ingênuos e imbuidos de ideais, revolucionários. Assenhoraram-se das glebas e dos rebanhos, executaram centenas de “peludos”, queimaram instalações da “Brasil Railwai” e “Lumber & Company, desbarataram companhias, batalhões e regimentos de polícias militares e do Exército Nacional. Eram os camponeses pobres da região revoltados contra os governos que faziam grandes concessões de terras a poderosas companhias nacionais e estrangeiras e aos coronéis; que, por suas forças policiais aliadas aos capangas dos

grandes proprietários, despejavam os posseiros, e nem mesmo respeitavam muitos deles que tinham títulos antigos concedidos devido a atos de bravura na Guerra do Paraguai, por graça do Imperador.

Por sesmaria, concessão real, as terras eram obtidas em grandes extensões, antes da República. Em 1850 houve a descoberta dos campos de São João e Campos Novos, para onde ocorreu o proletariado agrícola favorecido, a seguir, pela lei de setembro de 1850 que facilitou a posse e aquisição das terras, embora opondo dificuldades à legalização, como sempre. Em 1875, 25 anos mais tarde, criou-se em Lages, Sta. Catarina, o Juiz Comissário, no interesse dos exploradores, lei que foi completada com a de setembro de 1895, na República, em prejuízo dos lavradores pobres e com títulos antigos de propriedade. Sucediavam-se os despejos violentos, enquanto somente a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande tinha a concessão de 15 quilômetros marginais de cada lado de sua futura linha. E o que ocasionou a rebelião e o que se ocultou atrás de um fanatismo religioso que em situação diferente leva apenas ao conformismo, que é fruto da servidão inconsciente do lavrador aos senhores feudais.

Foi o CONTESTADO o ascenso e o fim da primeira fase da guerra pela LIBERTAÇÃO NACIONAL, reconhecida pela ação isolada da massa camponesa. A predominância do aspecto revolucionário e nacionalista, reivindicatório e político, é que o diferencia bastante de Canudos, da Balaiada, da Praieira, e tantas outras, embora a causa intrínseca e fundamental de ôdas seja a mesma: o regime semi-feudal.

O Major Humberto de Andrade chama atenção para o fato de o próprio General Setembrino de Carvalho, compreendendo os motivos do levante, prometer, em proclamação aos “pelados”, anistia e lotes de terras aos que se entregassem. Elevado número de militares sentia simpatia pelos seus infortunados e espoliados compatriotas, recusavam-se a combatê-los e até se passavam para as suas fileiras. O General Carlos Frederico de Mesquita, veterano de Canudos, depois de comandar 1.700 homens num ataque ao reduto de Sto. Antonio defendido pelo guerrilheiro *João Vieira*, dissolveu as colunas em Porto União, no dia 29 de maio de 1914, depois de recuar por conta própria, recusando-se a destruir povoados e chacinar mulheres e crianças indefesas. O Capitão Matos Costa, morto em setembro de 1914, num assalto rebelde a um comboio militar, procurou uma so-

fundamentos

lução pacífica para o movimento, porém o governo não o apoiava e os camponeses queriam a devolução das vidas das mulheres e crianças massacradas em Taquarussú, como condicionou a paz *Elias de Moraes* — dos inspiradores da revolução. Muitos chegaram a entregar munições e medicamentos aos matutos; outros como o Tenente Luiz Pais Leme do 4.^a R. I. e o Sargento Nilo Brasileiro Justino de Souza, por conspirarem e chegarem a comandar jagunços, cumpriram penas em nossas prisões militares. O primeiro é garimpeiro hoje, em Aragarça, biru, Paraná. O General Dermeval Peixoto revela o estado de espírito contrafeito e sem ardor dos soldados que fizeram a campanha. O Tenente J. O. Pinto Soares em "A Campanha do Contestado" faz transparecer todos esses fatos. Setembrino de Carvalho, segundo nos conta o Major Humberto de Andrade, "na primeira linha de seu Relatório final, conceitua o movimento como uma "sublevação sertaneja" e, adiante, procura mostrar que o fato não se deve nem à *religiosidade daquelas gentes* nem à *questão de limites entre os Estados*".

Os governantes assim o sabiam perfeitamente e procuraram encobrir oficialmente os motivos e o próprio levante. Foram bem sucedidos. Viam na escravidão dos trabalhadores a origem de tudo. Falamos em escravidão porque a tomamos em seu sentido lato. Como diz Joaquim Nabuco: "Esta não significa somente a relação do escravo para com o senhor; significa muito mais: a soma do poderio, influência, capital, e clientela dos senhores todos; o *feudalismo estabelecido no interior*; a dependência em que o comércio, a religião, a pobreza, a indústria, o Parlamento, a Corôa, o Estado enfim, se acham perante o poder agregado da minoria aristocrática, em cujas senzalas centenas de milhares de entes humanos vivem embrutecidos e moralmente mutilados pelo próprio regime a que estão sujeitos; e por último, o espírito o princípio vital que anima a instituição toda, sobretudo no momento em que ela entra a reinar pela posse imemorial em que se acha investida, espírito que há sido em toda a história dos países de escravos a causa do seu atraso e da sua ruína".

DESLAVADA SABOTAGEM

Os governos, propositadamente, através de sua imprensa sempre entreguista, mantinham a atenção pública alheia e voltada para a carnificina da Europa, enquanto ocultavam, demudavam e procuravam pôr paradeiro à dispendiosa e infesta guerra interna. Eis aí por que desconhece a nação. Deliberadamente uns, inconscientemente outros, os historiadores ou a ignoram ou então a apresentam de modo a não contrariar os interesses da burguesia, dos latifundiários e dos capitalistas, sejam Rocha Pombo,

Joaquim Silva, Pandiá Calógeras, Almeida Coelho ou Romário Martins. O Paraná e Sta. Catarina ainda são dominados pelas mesmas famílias tradicionais de exploradores, como os Leão, Camargo, Amaral e Silva, Luz, Rocha, Shimidt, Ramos, Bley, Maia, Fonseca, Bétiga, Konder, e outras tantas; e isto concorre para a ignorância ou incompreensão da grande rebelião. Assim é que, ou um Romário Martins tacha os camponeses de bandidos, bando-leiros, fanáticos, e fala em... "bandos de fanáticos, guiados à malandragem e á desobediência legal por indivíduos que lhes exploravam a rude credence e a ignorância das vantagens sociais"; ou um Aujor Ávila da Luz procura escrever uma história de *crimes e aberrações*, dedicando-a aos "Colegas do Conselho Penitenciário do Estado a quem cabe o estudo do crime e do criminoso em Santa Catarina".

Vedada toda a verdade, os guerrilheiros acabaram prostrados no papel jornal e nas páginas dos tratados acetinados, porém, na realidade, jamais o foram batidos nas contendas. Somente a epidemia de tifo que os dizimava, os desentendimentos causados pela tirania de novo chefe ADEODATO, a fome, a anistia e promessas falsas, deitaram gelo à eclosão. Nem em cinco anos de sobressaltos, escaramuças, caladas, cercos e becos e pântanos, caçadas de tocaia, puderam os estropiados e combalidos regimentos, avultando sempre, conseguir vantagens da penúria e desproteção dos grupos invictos do *Zé Brasil*. Os caipiras não lhes davam tréguas, camuflados dentro da mata espessa, à curta distância, invisíveis; discípulos perspicazes das onças e das cobras, acometiam com fúria, de sopetão, inesperadamente, numa grita alucinante, chamuscando com chumbo e pólvora, decepando e lacerando com as lâminas esfaimadas das chavascas; pasmando, assombrando. Sinuosos, esguios, fortes, intrépidos e incansáveis; mal vestidos, realmente pelado; parte a pé, parte montados, de um só golpe, agarravam as presas, arreadas e estarrecidas. Impediam a artilharia, cortando as retiradas dos funestos piquetes inimigos avançados que destruíam, a salvo das metralhadoras e dos canhões. Não deixavam os adversários passar de ligeiro esboço defensivo; pegavam-nos de surpresa, desprotegidos.

Forçavam-nos a cair nas arapucas, acoessando-os a correição. Na calada da noite, assaltavam os acampamentos, levando o pânico e a morte certa nos punhos alevantados. A aparição súbita, como que por encanto, de uma patrulha sertaneja, era sempre a derrota inevitável; antes de funcionarem as baterias, igualmente ela sumia. O terror se aposava dos soldados que os combatiam sem ardor e entusiasmo, e muitos até se suicidavam, atemorizados. Embora enfrentando "peludos" numericamente dez e vinte vezes superiores, adrede ensaiados nas manobras,

supridos sobejamente de armas e provisões, ainda apoiados em artilharia pesada, — nem porisso os amestizados aborígenes conhecem revezes; não se expunham à mira e à fuzilaria, mas sim — astutos e ardilosos — emboscavam e destroçavam as tropas amarelas e os capangas civis de Fabrício Vieira e Ladislau Fernandes. As escondidas na selva já palmilhada, embuçados pelos ramos, trepados nas copas dos pinheiros, dentro das imbúias, emergindo por entre as folhas, encalacravam-nas nos sorvedouros ignotos, sob terrível pancadaria de facões. Em movimentação constante, davam a impressão de muitos milhares, des-norteavam completamente as impotentes divisões.

Eis como se passaram os fatos, ocultos até o presente pela burguesia entreguista e traidora; eis o desfecho do primeiro capítulo da luta do povo brasileiro, fase embrionária pela LIBERTAÇÃO NACIONAL; e porque foi o CONTESTADO a guerra camponesa de nossa pátria.

A questiúncula de limites entre o Paraná e Sta. Catarina foi uma disputa judiciária compadresca de latifundiários ambiciosos, responsáveis todos pela miséria do nosso trabalhador agrícola. Influuiu muito menos que o misticismo na explosão revolucionária.

A REGIÃO CONFLAGRADA

Era o antigo território das Missões, duas vezes CONTESTADO; partilhado amigavelmente pelos Estados do Paraná e Sta. Catarina pelo "Acordo de 20 de Outubro de 1916", firmado entre ambos. Limitavam-no os rios Uruguay, Pepirí-Guaçu, Sta. Antonio, Iguaçu, Negro, Preto, Bituva, e do Peixe, zona de guerrilhas; toda a área compreendida entre os rios Timbó e Paciência, o vale de Canoinhas, as serras do Caçador e de Sta. Maria, dominados completamente pelos insurretos. Entre a Cumieira da Serra do Mar e o leito da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, travou-se a guerra camponesa do Brasil.

JOSÉ MARIA

A participação do pobre caboclo *José Maria* serviu de pretexto à falsa bandeira do banditismo religioso; suas barbas de santo foram espichadas sobre a História, pelos governantes, para esconder a rebelião.

Antecedeu-o em fama no ofício ilegal de "monge", *João Maria*, que caminhou muitos anos pelo Paraná e Mato Grosso, o qual chamou a atenção de Euclides da Cunha que o assinala em "Os Sertões".

É João Maria o célebre Monge da Lapa, o mesmo que mandou construir dezenove cruzeiros para livrar o povo de Rio Negro e Mafra da "peste, da fome e da guerra" e que maravilhava as gentes nos campos de Tibagi. Ultrajado por Frei Rogério, acabou deificado pelo Padre José Ernser. Facilitou a apari-

ção e o sucesso de *José Maria*, o revoltoso. Este era um antigo praça do Exército e cabo da polícia militar do Paraná. Seu verdadeiro nome era Miguel Lucena de Boaventura. Monge superior a muitos que abundavam na época, rebelde e justiceiro. Vítima das pregações dos capelães que assistiam os soldados dos destacamentos, os trabalhadores da estrada da Mata e os curibocas, nem por isso deixa de ser um herói popular do Paraná e de Santa Catarina. De passado triste, com sinais evidentes de debilidade mental e física, paranoia autrústica, amarelão moral, com a aparência mística de profeta proletário, cuidando enfermos como ele próprio, exercia natural ascendência sobre os companheiros. Eis por que foi um dos chefes da insurreição que glorificou com a vida valorosa. Julgando-se um predestinado, mas revoltado contra a exploração de seus semelhantes, lutou valentemente pela reforma agrária e contra a entrega do Brasil aos estrangeiros.

A falta de recursos no campo, sempre fez com que a depauperada população recorresse à própria medicina nativa: benzimentos, chás de ervas, "simpatia", "promessas", rezas, etc. *José Maria*, caboclo despenhado, baixo e corpulento; barbas e cabelos grisalhos longos; de camisolão ou calça e camisa esfarrapados; de chapéu velho com uma faixa branca na qual se estampava uma cruz verde, emblema dos rebeldes; descalço ou de alpargatas; embora roçasse, dedicando-se ao curandeirismo, grangeou logo a simpatia e admiração dos infelizes matutos. Por fraternidade e solidariedade, virtudes naturais do jeca, é que acendeu a eclosão, com as suas prédicas inflamadas. Sua adesão ao movimento espontâneo das massas foi de sua importância, devido ao prestígio que desfrutava. No início, desempenhou o papel principal na organização da insurreição, em Taquaruçu, onde constituiu os "DOZE PARES DE FRANÇA" e um ministério com CHICO VENTURA, PRAXEDES e JOAQUIM VIDAL. Morreu no combate de Irani, no dia 22 de outubro de 1912, quando foram postas em fuga e destroçadas as tropas da polícia militar do Paraná, ocasião em que o Coronel João Gualberto caiu vítima do sertanejo DELFINO PONTES.

OS GRANDES GUERRILHEIROS

EUZÉBINHO, ELIAS DE MORAIS, ROCHA ALVES e ELIAZINHO MIGUEL DOS SANTOS, exerciam a autoridade moral nos redutos. Inspiravam admiração e temor: ADEODATO, ALEIXO, CHIQUINHO, VENUTO BAIANO, BONIFÁCIO PAPUDO, CHICO VENTURA, GRALHA, DELFINO PONTES, GUILHERME VENTURA, GREGÓRIO DE LIMA, JOSEFINO DE MELO, CIRINO CHATO, BONIFÁCIO MORAIS, SEBASTIÃO CAMPOS, ANGELINO CHAGAS, JOSÉ FABRÍCIO DAS NEVES, JOÃO VIEIRA,

PRAXEDES, os irmãos SAMPAIO, os LIMA, os FREITAS, todos eles de bravura comprovada nas batalhas, comandantes de grupos.

Homens de côr formavam uma nova "Palmares", no sul, conhecida por "Reduto dos Negros", e deles se destacavam OLEGÁRIO RAMOS, JOAQUIM GERMANO e SALVADOR VIEIRA; dos colonos — ESTANISLAU SHUMAN e GUILHERME HELMICH. Também um fotógrafo, rapaz alemão, de nome HENRIQUE WOLLAN, conhecido por "ALEMAOZINHO", tornou-se um dos grandes guerrilheiros.

Os "DOZE PARES DE FRANÇA", conjunto dos sertanejos mais fortes e destemidos, invensíveis, simbolizam, para nós, os heróis desconhecidos.

Têm ainda os nomes lembrados os rebeldes CIRINO DO SUL, CLAUDIANO, PEDRO TELES, CASTELHANO, FRAGOSO, NENÊ ALVES, CHICO TAQUARA, INÁCIO DE LIMA, DOMINGOS PADILHA, CARNEIRINHO, JOSEFINO, MARCELO ALVES, CÔCO, GIDOCÁ, GREGÓRIO DE LIMA, MARCOS GABRIEL, SEBASTIÃO CAMPOS, o "capitão" NABOR, os irmãos ALONSO, os LEITE, e os CRESPO.

Em firmeza e coragem, na defesa de seus lares, não lhes ficaram à retaguarda as mulheres camponesas, companheiras dedicadas e destemidas.

O proletariado reverenciará a memória dos seus heróis legítimos.

PRIMÓRDIOS

Tangendo boiada alheia, serrando e transportando madeira de lei, extraindo erva-mate, roçando, criando, caboclos semi-nús, negros semi-escravos, antigos trabalhadores da estrada da Mata ou da São Paulo Rio Grande", aos milhares, erguiam ranchos nas terras inhóspitas, alguns veteranos da campanha sangrenta de Solano Lopes. Acreditavam ser o Brasil dos brasileiros. Decepcionaram-se e foram despejados; mas resistiam. Os latifundiários, as companhias colonizadoras e os trustes estrangeiros legalizaram para si as glebas imensas, e ficaram com o solo, subsolo e sobre solo. Os "coronéis" contratavam caudilhos; e os trustes as forças públicas para incendiar as palhoças dos camponeses. Veio a reação popular. Uniram-se os exploradores, as reuniões transformavam-se em comícios, os comícios em conspiração, a conspiração em levante. Nos bilhetes e nas fachadas das casas as letras toscas reivindicavam. O Monge *José Maria*, o revoltoso, desde logo, aderiu à causa comum. A princípio os rebeldes hostilizavam apenas os capangas civis e os destacamentos policiais, respeitando as do exército, libertando do cativeiro os oprimidos.

OS EMBATES

Os "pelados" jamais se expuseram a um ataque geral, no qual puderam ser alvos das granadas e balas inimigas. Faziam guerra de

movimento, em grupos e provocavam rápidos entreveros. Não eram pressentidos pelos adversários, os quais, quando em jornada, recebiam tiros certos, sem saber de onde. Não é possível, pois, descrever aqui a infinidade dos pequenos combates havidos. Todavia, seguindo as expedições militares, sabemos que no dia 22 de outubro de 1912, em Irani, foram esmagadas fragorosamente as tropas da Polícia Militar do Paraná, fugindo a cavalaria, debandando os infantes em desabalada corrida, uns tombando no bréjo e outros a se jogarem no despenhadeiro... Em dezembro de 1913 cerca de 500 a 600 componentes das bem equipadas forças dos "peludos" eram batidos sistematicamente pelas patrulhas caboclas. Em fevereiro de 1914, abandonada, Taquaruçu foi reduzida a cinzas pela expedição comandada pelo Tte. Aleluia Pires; barbaramente foi bombardeada por poderosa artilharia de montanha, ocorrendo o massacre de mulheres e crianças indefesas, só mesmo comparável aos da Coréia, levados a efeito pelos sinistros aviões americanos. Este fato impediu a pacificação do conflito, pois os sertanejos exigiam, sarcasticamente, a restituição das vidas de suas mulheres e seus filhos chacinados em Taquaruçu.

Caraguatá foi a vingança. No dia 9 de março de 1914, os "Doze Pares de França" comandando mais 30 insurretos e *Venuto Baiano* mais 50, impuseram a 800 peludos com seus canhões e metralhadoras, fragorosos revezes.

Em maio do mesmo ano catastrófico, fracassou ainda a expedição comandada pelo General Carlos Frederico de Mesquita, a qual ocupou Sto. Antonio. Logo após, assume o "Comando das Forças em Operações de Guerra" o General Setembrino de Carvalho que tem sob suas ordens mais de 7.000 homens, sobejamente municiados. Em toda região sucedem-se os encontros encarniçados, principalmente em Salseiro, Tamanduá, Canoinhas, Barra Verde, Colônia Vieira, Queimadas, Caçador e em Santa Maria onde se repete o massacre de Taquaruçu.

RECRUDESCIMENTO

A peste dizima centenas de sertanejos esfarrapados, a fome aperta o cerco nos redutos e ADEODATO, semi-louco, começa tyrannizar seus companheiros que lhe fogem apavorados. Acreditando em falsa anistia e falsas promessas, entregam-se muitos matutos e suas famílias. Um a um, aqueles dos grandes guerrilheiros que sobreviveram às refregas, foram assassinados covardemente por caudilhos e policiais, recebendo cargas de balas de fuzil, pelas costas.

* * *

Eis o que, como e por que foi o CONTESTADO A GUERRA CAMPONESA DO BRASIL.

fundamentos

SONATA DE OTONO EN PRAGA

Em visita ao Brasil, passaram uma semana de setembro entre nós, os intelectuais tchecoslovacos Jan Drda, Presidente da União dos Escritores Tchecos, Jan Kostra, poeta, e Jaroslav Kuchvatek, professor da Universidade de Praga e velho amigo do Brasil e dos brasileiros que dele sempre receberam em Praga, as melhores atenções. Este poema de Tuñón é uma homenagem a Praga, aos intelectuais tchecos que com sua visita reforçam as relações que existem entre o Brasil e a Tchecoslováquia; e é também uma homenagem ao amigo Kuchvatek que tão bem representa isto tudo.

á Yaroslav Kuchvatek

Canto la antigua Praga y la moderna,
que el tiempo con su pátina ilumina,
mensajera de amor, lámpara eterna.



El poderoso encanto me fascina,
de Praga, heroica, mártir y famosa,
a la luz del otoño que termina



bajo capas de niebla silenciosa,
donde habita el pasado, y el presente
hace oír su campana laboriosa.



Y amo en Praga sus calles y sus gentes,
su recia historia y su imaginaria.
Y amo la paz, apasionadamente.



Y alabo la pluvial melancolía
que flota en el Moldava; un aire vago,
pero de penetrante poesía,



Y junto al río ilustre yo divago,
me alejo de la tierra por instantes
y bajo sus hermosos puentes yago.



Y amo sus callejuelas ondulantes
y ese foco de gas que conmemora
solos de luna, y músicas distantes.



Cerca está el reloj mágico que ahora
marca la hora de este pueblo alerta
y libre, al fin, al filo de la aurora.



en que madura la mañana cierta,
dejando atrás la noche nazi, oscura,
maldita, atroz, y para siempre muerta.



Checoslovaquia! Alabo su ayentura
de honor y de esperanza socialista,
vencedora del mito y la amargura.



Y en Praga su secreto me conquista,
el vuelo de su empuje prodigioso,
el clima de sua magia realista.



Aroma de los siglos, joven gozo
del corazón, edad de la mañana,
en Praga, de perfil tan armonioso.



Me asomo a ti como a una ventana,
alta luz, hondo canto, voz desnuda,
y a la gracia del arco y la fontana.



Y veo el río y la corriente muda,
y allá en el fondo de la Mala Strana
su espectro azul desliza Jan Neruda.



Si al borde del invierno, tan humana,
y tan cordial, te veo a mi manera,
cómo serás, oh Praga Capitana,



al promediar la verde primavera,
perfumada de tilos, colorida,
en torres, barcas, techos y veredas!



Y no en vano la sangre fué vertida.
El trabajo y la paz son tu bandera.
Patria del sueño. Novia de la vida.

RAÚL GONZALEZ TUNÓN

CANTO AO PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

CLOVIS MOURA

Não mais vejo escuro ou treva,
estrêla trago na mão.
Adeus, incerteza antiga
na seara dos irmãos.
Adeus, antiga descrença,
dúvida fria, aflição,
adeus cinza, adeus angustia
na seara dos irmãos.
Não mais vejo escuro ou treva
estrêla trago na mão.

Chegaste em gume e entre flôres,
chegaste, arco-íris novo,
canção de berço e palavra
de pedra para o meu povo.
Chegaste em papel, lavrado
e escrito em tinta. No entanto
foste feito da certeza
do sangue que rolou tanto
que hoje é amálgama de estrela,
aço, argamassa, alavanca,
que hoje é rio e correnteza
que do sono nos arranca
que a nova primavera
de luta e rubra esperança.
E a canção outrora prêsa
será punho, será lança!

Não vejo, não vejo apenas
o trepidar das turbinas,
o canto dos camponeses
e o apito das usinas.
Vejo também flôres, lírios
coroando céus e frentes,
casais amorosos indo
pelas encostas e montes.
Vejo os jardins, aleluias,
bôcas sorrindo tão puras
que os poetas de mãos dadas
amarão com mais ternura
os bichos e as criaturas.

Certeza, só temos esta,
caminhos — só temos um.
Certeza feita de festa,
caminho de lança e rosa.

Programa do meu Partido
que embala o sono e é vigília,
que renasce em cada berço,
que é bandeira em cada mão.
Bandeira feita de brisa
que penetra o coração.
Ah, vigília, sentinela,
timão que conduz ao pôrto
chamado revolução.

Certeza, só temos esta,
caminhos — só temos um.

És cimitarra, és arminho,
és estrela em minha mão.
Programa do meu Partido
de granito concebido,
hoje é veio, fonte, linfa,
água, murmura, translúcida
que canta aos homens das margens
sua mais pura canção.

Certeza, só temos esta,
caminhos — só temos um.

Oh, camponesa sem tranças:
onde está vossa beleza?
onde está vossa esperança
vencida pela tristeza?
Onde estão vossos amores,
vossa terra, vossos sonhos,
vosso noivo, vossa casa,
vosso pé de margaridas,
vossos pais, vossos amigos?

Onde está vossa esperança
de ser mãe, de ter um filho,
de beijar lábios de noivo,
de dar a seiva dos seios
a uma vida que desponta?

— Tudo morreu da tristeza
despetalada no mundo...

Certeza, só temos esta,
caminhos — só temos um.

O anel que tu me deste
era vidro, se quebrou;
o amor que tu me tinhas
era pouco, se acabou.
Mas, no mar encapelado,
esta certeza ficou.
Esta certeza que é rocha
e que o mar não desmanchou.
O anel que tu me deste
era vidro, se quebrou.
Mas as letras do Programa
são lava, são viva chama:
— e esta certeza ficou.

Certeza, só temos esta,
caminhos — só temos um!

Rio, fevereiro de 1954

fundamentos

A PAZ E O POEMA

WALTER M. SAMPAIO

Aqui, entre o mar
e a cordilheira
poderei escrever
o verso.
Haverá, de sobra, espaço,
tinta, estrofe e imagem.

Hoje, as árvores não nos deixam
medir o bosque.
O tema é largo, demasiadamente.
Transborda o continente
e contém o mar.

Hoje, a Palavra é pobre,
diminuta, inexpressiva.
Como conter-te no verso,
tú, oh! Paz, tão dinâmica e incomensurável!

Definir-te, encontrar o teu conteúdo,
em imagem precisa, pura, enxuta, elegante,
[original,
não é tarefa fácil, quando para te sentir
temos somente um coração.

Desejar-te, não basta.
Pois há milhares de anos te desejamos
e, contudo, sanguínea é ainda a soalheira
do mundo.

Esperar-te,
também não é o termo preciso
já que não a temos mística e intangível.

És necessidade histórica,
domínio da inteligência sobre a força
bruta.

És paixão do novo,
construção,
comporta de aço,
verso, ritmo,
harmonia, música,
domínio do homem sobre a natureza
e a sociedade.
Buscar-te, portanto, é caminho andado.

Recordar, não podemos,
todavia sabemos que viveste

na chamada prehistória,
de forma inconsciente,
anárquica,

espontânea.
Mas, éramos então quase animais
e apenas tú — oh! rubor de nossa
primitiva inteligência — nos distinguia
dos bichos e dos elementos.

Estavas presente, na caverna,
quando unidos éramos tão somente
cérebro e coração contra a avalanche,
a fera, a noite, o pavor, a natureza
a procéla.

E quando o homem
ordenou ao homem:
— “Traga-me o fruto”
e falou:

— “Sou o dono desta terra”
Tú foste obrigada a se agasalhar
no cimo dos montes
a divisar o tempo e as contendias.

Com suor, séculos e fogo
se temperou o ferro.
Do ferro se fez o aço.
Do aço se fez a máquina,
o trator e o tanque,
a baioneta e a pênã que escreveu
o poema,
fez-se a torre, a comporta do rio,
o dínamo, a roda e também
a metralhadora, o canhão,
a granada!

De então para cá,
mil vezes desceste á colina
e mil vezes retornaste,
enxotada,
ao cimo dos montes!

Hoje, te buscamos,
Tú, não mais a efêmera
companheira dos dias de luto.
Hoje, te queremos
permanente,

no leito, à mesa,
na oficina, no museu,
no teatro, no poema.

Estamos aqui
quebrando cárceres e algêmas.
Ha gente má e vontades insólitas.

Muita imprensa dispara
balas e granadas
diariamente!

É que já te divisamos
sólida, presente e vizinha
como o amanhecer!
E preparamos a tua chegada.

O tempo é um grande livro aberto
de memórias inapagáveis.
Nele bordamos o teu nome
e escrevemos a sentença
e o futuro.

Não haverá lugar,
é certo,
para elegias e metafísica.
A poesia aqui é de epopéias
calcinadas,
hino
e bigorna.

Esta é a primeira edição
do livro da Paz,
de pergaminho e bronze,
de amianto e nuvens,
de pão e aço!

Este é o novo alfabeto,
a nova dimensão,
o verbo.

Eis então a História
o ritmo, a palavra
o verso.

E, enfim, o poema
que é trigo, sal e amor!

DANÇA DE

Foi há quase cinco anos atrás, por ocasião de umas férias conseguidas por verdadeiro milagre, que assistí pela primeira vez a uma Dança de S. Gonçalo. Considero isso um privilégio bem raro para os artistas radicados nas grandes capitais pois estes raramente têm ocasião de enriquecer-se com essas deslumbrantes manifestações artísticas que são as danças e cantos coletivos tradicionais, conservados tão carinhosamente pelo povo a despeito da absoluta falta de estímulo do governo e de toda a indiferença que por eles demonstram os que se deixam dominar pelo snobismo perdendo seus vínculos com as fontes vivas da verdadeira arte nacional.

Também no litoral paulista grande parte das manifestações da arte popular se acha intimamente ligada ao sentimento religioso de nosso povo. Até alguns trinta anos atrás, essas grandes festas de caráter religioso eram prestigiadas pela igreja católica. A maioria delas se realizava mesmo na pracinha fronteiriça à matriz local, ponto de reunião nos grandes festejos nos grandes feriados nacionais ou das datas consagradas pela igreja. Agora porém os vigários opõem sempre maiores obstáculos à realização de algumas das nossas mais belas e típicas festas popular-religiosas.

Em Ubatuba as festas do Divino Espírito Santo e dos Santos Reis possuíam características próprias preciosíssimas porque nelas se conservavam traços muito vivos de influência espanhola, nas melodias cantadas, em certas notas agudíssimas sustentadas como um pedal por um soprano; e também na linha melódica instrumental da velha rabeca que, em preciosos desenhos absolutamente puros, tecia livres e ricos arabescos em torno da melodia cantada.

Infelizmente tudo isso se está acabando porque, se de um lado o governo em nada estimula a arte popular, por outro lado o clero passou a desprestigiá-la sob falsa alegação de que essas festas dão motivos a desmandos e que constituem um desrespeito à religião. É claro que tais alegações são falsas e demonstram no clero contemporâneo brasileiro uma amplitude de vistas e uma intollerância bem mais limitada que a dos antigos jesuítas do tempo das catequeses. Os verdadeiros motivos de tais proibições parecem residir principalmente no fato de vir a igreja se afastando cada dia mais dos interesses do povo e restringindo sempre mais a liberdade individual de seus representantes, muitas vezes constrangidos por determinações severas de seus superiores a tomar medidas contrárias ao seu próprio espírito democrático e popular.



Uma das causas que mais me deslumbrou na Dança de S. Gonçalo foi exatamente a beleza do sentimento religioso dos participantes da festa. Mas é melhor passarmos à descrição da deslumbrante dança coletiva que encontra na dança de capoeira de angola, tal como se manifesta na Bahia, uma de suas mais dignas concorrentes profanas.

SÃO GONÇALO EM UBATUBA

EUNICE CATUNDA

A Dança de S. Gonçalo não tem época certa, como acontece com a Folia do Divino ou com os Santos Reis. Realiza-se em qualquer tempo pois se destina ao cumprimento de promessa geralmente feita pelo dono da casa, que a promove, distribui os convites, marca a data com bastante antecedência para preparar tudo, desde o café-zinho servido nos intervalos até a arrumação do altar. Este altar é arrumado no cômodo principal da casa, no lugar de maior evidência. Constitui o foco de todas as atenções. Sobre a mesinha tosca estende-se a melhor toalha bordada, alvejante e engomada. Flores cabôclas sobem pela parede na qual se apoia o altar. Sobre ele, no centro, á frente do soutros santos do oratório, está S. Gonçalo, o santo violeiro, tocando seu instrumento, jogada ás costas a capa de peregrino, calçado com suas botas altas de caminheiro. Aos lados, as longas velas de cêra misturam sua luz á claridade simples dos pequenos lampiões a querosene, pendurados ao longo das quatro paredes de terra batida que sustentam os barrotes da telha-vã. Estávamos em casa de "seu" Ferreira, morador de Barra-Sêca, ou Barra-Bonita.

Para lá chegar fizéramos uma caminhada de duas horas e tanto, a pé beirando o mar para além da praia do Perequê até as proximidades da estrada nova que então estava sendo rasgada, avançando para a praia Vermelha. Era casa de pescador. Lá chegando fomos carinhosamente acolhidos e logo apresentados á mestra que deveria dirigir o cerimonial, uma velhinha de quase setenta anos, D. Maria Olga, nativa de Ubatuba.

Como o mestre Waldemar, do terreiro de capoeira da Bahia, também ela estava revestida do prestígio de sua autoridade reconhecida por toda a coletividade. Considerada com respeito e admiração, a extraordinária e enérgica velhinha, dona de uma vitalidade que faria inveja a muitos vinte anos em flôr, ultimava os preparativos e dava as necessárias instruções aos 12 pares que deveriam tomar parte na dança. A mestra recordava o caráter religioso da festa e expunha as regras e proibições a que se deveriam submeter os presentes: a dança tinha que ser executada dentro do maior silêncio e respeito. Estavam proibidas todas as conversas e risadas. Fumar, só lá dentro! Mesmo nos intervalos tais determinações deveriam ser cumpridas. Os dançarinos não poderiam interromper a dança no meio. A promessa só vale quando é cumprida com responsabilidade, com recolhimento e devoção.

O cerimonial de S. Gonçalo está dividido em três partes: em forma A-B-A. 1.º) — reza para o santo; 2.º) — danças; 3.º) — reza de encerramento. As danças se dividem em quatro partes ou voltas, cada uma com duração de meia hora, mais ou menos. As duas partes finais são as mais belas. Constituem-nas o *Ar-recorte* e a *Misura*. Entre elas há pequenos intervalos, sem contar o grande intervalo pois uma Dança de S. Gonçalo atravessa a noite.

Em geral há dois guias: uma mulher e um homem. Mas ali a mestra se destacava no conjunto como a verdadeira guardiã da tradição, a profunda conhecedora do assunto. Escolheu entre os circunstantes um parceiro, homem respeitável e solícito que a ia ajudando e a quem ela ia orientando, de maneira a que os demais pares acompanhassem todas as figuras coreográficas determinadas pelo casal-guia.

Figuras proeminentes e da maior importancia na Dança de S. Gonçalo são, naturalmente, os dois violeiros. O primeiro (Sebastião Barbosa) tira o verso; o segundo, o baixo (Manoel Teodoro) faz a segunda voz.

Tem início a reza, da qual participam todos os presentes, inclusive os violeiros, de pé, empunhando seus instrumentos. Enquanto eles rezam nós vamos observando atentamente os semblantes. Rudes pescadores,

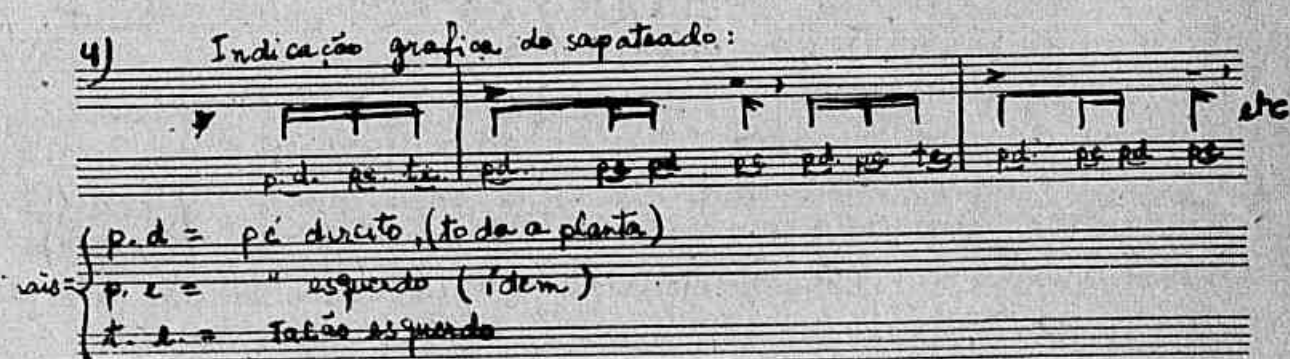
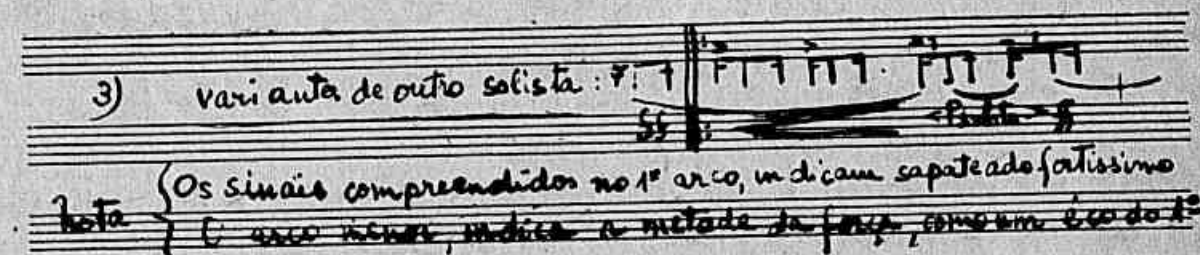
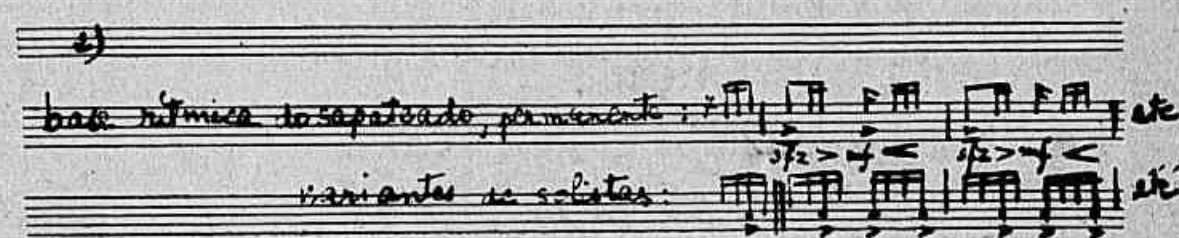
alguns já idosos, mães de famílias e jovens mulheres, todos de cabeça baixa, repetindo fervorosamente os estribilhos das orações e ladaínhas.

A gente praiana tem uma áspera beleza moura, rostos bronzeados, crestado pelo sol e pelo bafo salgado das marés. Olhos negros e brilhantes, cabelos lisos e luzídios em cujo negrume se espriam tons azulados. Aos mais velhos as rugas profundas atribuem uma dura expressão de energia concentrada, de força e tenacidade, bem diferente d'aquela que se procura atribuir como sendo o traço característico do caçara que alguns pretendem apresentar como tipos indiferentes e cheios de preguiça. Na beleza sem artifícios daquela gente se refletia a dignidade de vidas inteiras de lutas e sofrimentos o que não impediu que os corações se mantivessem intáctos, plenos de uma generosidade afável e ingênua, sem ressentimentos.

D. Maria Olga assume seu posto á frente da fileira de damas, cada uma ladeada por seu cavalheiro. Os violeiros tomam assento a um dos lados da sala e começa a função. Atentos, os bailarinos ouvem o primeiro verso enquanto as violas, fundidas n'uma só harmonia, vão marcando o ritmo básico que determinará o bate-pé. As duas flieiras de pares, postados á frente do altar começam a movimentar-se, avançando e recuando. Cresce o bate-pé que deu motivo a um de meus maiores espantos: onde é que aquela gente consegue essa reserva de energia física que lhes permite dançar assim entre dois dias de trabalho árduo e pesado? Duas horas inteiras de sapateado ininterrupto, não contando as rápidas paradas para as variações nas figuras da dança! O sapateado vai num crescendo, arrancando nuvens de poeira e areia do assoalho. A modesta casinha estremece ao ribombar dos tamancos e grossos sapatos que estrugem com maior violência ainda, quando o bailarino se defronta com o altar, em primeiro plano.

Dentro do ritmo comum, rigorosamente batido, guiado pelas violas, ecôam variantes e contratempos de solistas ocasionais, inconscientemente improvisados no entusiasmo de que se aproximam de S. Gonçalo.

Os movimentos dos homens são mais largos e violentos, contrastando com o das mulheres, que se limi-



tam a uma arrasta-pé miudinho e gracioso. Esta graça, entretanto, nada tem de comum com os requebros e meneios das outras danças profanas. Consiste na graça simples e delicada dos passinhos miudos que fazem com que o corpo se volte para a esquerda ou para a direi-

PROGRESSOS DA SAÚDE

SAMUEL B. PESSÔA

Como membro da Comissão Científica Internacional, encarregada de investigar os fatos concernentes à guerra bacteriológica na Coréia e na China, tivemos a ocasião de nos pôr a par do imenso progresso realizado pelos povos da República Popular da China no campo da saúde pública. Desde a nossa chegada a Pequim, ficamos impressionados com a grande ordem e limpeza das ruas, parques, jardins e casas de negócios, bem como pela ausência quase absoluta de moscas e mosquitos. O contraste com o passado era tão grande que, no relatório da Comissão ficou consignado tal fato nos seguintes termos: "Os membros da Comissão Internacional que antes haviam conhecido a China, não puderam ocultar o seu assombro".

O movimento sanitário, todavia, não se limita apenas à Pequim ou a um pequeno número de "cidades modelo". Informações dignas de todo o crédito, afirmam que este movimento se estende também pelo interior de todo país. Aliás, fomos testemunhas de tal fato, por ocasião de nossas viagens no nordeste desta República. Percorremos, a partir de Shenyang antiga Mukden, mais de 600 quilômetros de trem e de automóvel até Kan-Nan, no extremo norte da província de Heilungchiang, nos limites da Mongólia Interior, quando pudemos nos convencer da ordem e limpeza existentes por onde passávamos, em toda zona rural.

Com efeito, como se sabe de sobejo, durante séculos, até a ocasião de sua libertação, as cidades e vilas da Chi-

ta e em nada perturbam a atitude recolhida e devota que cada bailarina sabe manter, seja ela idosa ou jovem.

As figuras coreográficas se sucedem. Os pares ora se defrontam, ora marcham lado a lado. Assim se perfazem as duas primeiras voltas.

Os violeiros-cantadores continuam a versejar. O contracanto não é rigorosamente em terças. Há mesmo uma tendência para a independência das vozes, fazendo-se notado um impulso elementar para o movimento contrário, como que uma rebelião à monotonia mais comum das duas vozes mutuamente acorrentadas pelo movimento em terças paralelas.

O canto se divide em duas partes: apresentação de estrofe nova a que se segue um estribilho invariável. Cada uma dessas partes é por sua vez bisada. Apresentaremos aqui dois exemplares tirados da 2.^a Volta:

Quando nós saí do mundo (bis)
São Gonçalo vai pra guia (bis)
Arrancá nós lá do fundo (bis)
E trazê pra luz do dia (bis)

e o estribilho:

Ai, meu São Gonçalinho bis
ele é tão bonitinho bis
Ele come do pão bis bis
Ele bebe do vinho
Ora viva o meu São Gonçalo!

Na Arrecorte, muda a disposição coreográfica. Primeiramente, as mulheres permanecem em seus lugares, marcando seu passinho miudo, enquanto que o cavalheiro que se encontra em último lugar abandona seu posto e com sua dança violenta vem passar em frente ao primeiro. Assim prossegue a dança sendo que cada cavalheiro perfaz esse movimento circular passando á frente do segundo, do terceiro par, etc. Depois toca a vez ao penultimo, ao ante-penultimo, etc. Depois que todos os bailarinos executaram esta figura, toca a eles permanecer em seus lugares enquanto as mulheres se movimentam em fila, a um lado do salão, executando arabescos em torno dos cavalheiros.

Por fim vem a belíssima Misura, a parte mais encantadora da dança. Na Misura só dança um par enquanto que os outros esperam sua vez. Em primeiro lugar vem os mestres, ou guias. Os cantadores vão improvisando versos especiais para cada par. Neles vão tecendo comentários, ora chamando atenção para a graça de um par, ora para a devoção de outro, etc. Os dançarinos porém se mantêm alheios a tudo. Os olhos fitos no altar, só enxergam a S. Gonçalo. Concentrados, sérios, cumprem com dignidade seu ritual, as severas fisionomias mais belas pelos olhos brilhantes onde se refletem as chamas oscilantes das velas. Na

sala não se ouve um riso, uma palavra. Enquanto os pares se sucedem fazendo seus cumprimentos ao Santo só se percebe o estrépito do vibrante sapateado, as violas harmoniosas que dêle emergem e as potentes vozes dos violeiros que, superando aquele ensurdecido bate-pé cantam irmanadas no contraponto singelo:

Que misura mais bonita (bis)
do João mais a Anita (bis)
São Gonçalo está contente (bis)
vendo o coração dos crentes (bis)
Ai meu São Gonçalinho, ele é tão bonitinho (bis)
Ele come do pão ele bebe do vinho (bis)
Ora viva o meu São Gonçalo!...

Dona Maria Olga, indiferente á velhice, prossegue no seu papel de mestra severa e entusiasmada, jovem da juventude do povo, que não tem idade, guardiã e repositária de nossas tradições que ela sabe conservar vivas nas longínquas praias de Ubatuba.

Ao regressar para a vila, ás três da madrugada, contemplando a praia deserta e misteriosa, os pés mergulhados na areia ou banhados pela água escura e quieta, as roupas encharcadas pela travessia acidentada da foz do rio onde a canôa afundara, vinhamos felizes. E no silêncio onde se quebrava o muralhar das ondas macias, ecoavam pedaços da ingênua melodia, das poéticas e sonhadoras imagens da arte popular:

Encontrei com São Gonçalo
na beira do mar, chorando
por causa de uma conchinha
que o mar ía carregando...

O meu padre S. Gonçalo
mora na beira do rio...
São Gonçalo milagroso
vem dá sua benção...
Ai meu S. Gonçalinho
..... bonitinho...

Lá na casa do "seu" Ferreira continuava o bate-pé violento que deveria prosseguir, com o mesmo entusiasmo e energia, pela madrugada a dentro, até encontrar o sol novo que a todos iria trazer um outro dia de trabalho e de luta pela subsistência, luta com o mar e com a companhia exploradora da pesca, que paga mal a seus empregados e que está tornando ainda mais dura e difícil a vida dos pescadores de Ubatuba.

Quando eles conseguirem as vitórias do trabalho garantido n'um mundo livre e exploração e de miséria, verão todos como há de florescer em dádivas maravilhosas a energia gigantesca de nosso povo praiano, que tão bem a soube manifestar na unidade e alegria daquela Dança de S. Gonçalo.

PÚBLICA NA NOVA CHINA

na, eram conhecidas pela sua sujeira; eram mesmo hediondas e cobertas de insetos. E, em menos de 4 anos, pôde este país alcançar um alto nível sanitário e de saúde pública, graças ao vasto movimento de higiene pessoal e social, que incorporou em seu seio toda a população daquele país de 475 milhões de habitantes. Movimento de tal envergadura, em prol da saúde e da educação sanitária do povo, nunca fôra atingido em lugar nenhum do mundo. Em parte a extensão e a importância deste movimento, foram consequência da guerra bacteriológica iniciada em fins de 1951, pela força aérea norte-americana, sobre parte do território chinês. A resposta da China foi o Movimento Patriótico pela Saúde, levado a cabo pelas camadas mais diversas de todo este imenso país. Devido a êle, a guerra bacteriológica perdeu grande parte de sua eficácia e o seu resultado foi um incessante desenvolvimento sanitário, com descida vertical das cifras de morbidade e mortalidade.

O exemplo, porém, aí fica para todos os países, pois o desenvolvimento da saúde pública na China de hoje é devido, em grande parte, à execução espontânea de medidas que vêm sendo recomendadas, mais ou menos em vão, pelos organismos internacionais de higiene. O progresso obtido em um tempo tão curto, teria sido impossível, se o governo chinês não contasse com o concurso e o apoio sem reservas de todas as classes da população. Camponeses, operários, cientistas, agrupamentos religiosos, instituições, todos não só apoiaram as diretrizes governamentais, como as seguiram e executaram com grande entusiasmo.

Uma educação de base foi feita por todos os meios de instrução disponíveis: grandes "meetings", cartazes, jornais murais, imprensa, diários, brochuras, teatro, cinema, histórias em quadrinhos para crianças, etc.

— "Todos necessitamos saúde".

— "Proteger a saúde do povo é dever do próprio povo".

— "Todos devem ser mobilizados; todos devem participar".

Eis alguns dos dizeres da campanha popular, que se estendeu através de uma rede de comitês, por todas as áreas administrativas, províncias, municipalidades, distritos, povoados e aldeias.

Como vimos nas principais cidades da China que visitamos, como Pequim, Tchitchi-Harr, os gêneros alimentícios postos à venda são cobertos. O chá é servido nas ruas em chávenas com tampa e provém de recipientes cobertos. Nos parques há recipientes cobertos com água quente. Todas as escarradeiras são providas de tampas redondas, nas quais se fixa uma haste longa de madeira, de modo a permitir abrí-las sem se abaixar. Usa-se método semelhante para as latrinas. Ainda mais, o hábito de escarrar, nas ruas, e logradouros públicos, antigamente tão espalhado, diminuiu sensivelmente.

Em Shenyang, visitamos as habitações de simples operários. Às 5 horas da manhã é feita a limpeza geral. Depois da limpeza são adquiridos legumes e frutas destinadas ao consumo diário. Em um canto do pátio de uma das casas visitadas, vimos um odre de barro, provavelmente muito antigo, coberto por uma tampa de madeira redonda. Era o recipiente para desinfecção dos legumes e frutas, os quais eram imergidos, durante 5 minutos, numa solução de hipoclorito de cal. Em seguida as frutas são lavadas em água fervida e os legumes são cozidos; na China raramente comem-se legumes crus, mas são em geral pouco cozidos. O que muito impressiona é ver como a China de hoje pôde aplicar tantas medidas de higiene, mesmo sem esperar a mudança das condições do meio ambiente primitivo em que ainda vivem. O tempo urge para que se possa aguardar até que sejam construídas novas habitações com todo o con-

fôrto moderno. Assim, apesar das antigas condições de vida, educa-se o povo nos modernos princípios de higiene, saúde e limpeza.

Ao finalizar o ano de 1951, realizou-se em Pequim uma conferência e exposição, a fim de se dar um balanço nos progressos alcançados por meio deste movimento popular. Eis alguns resultados:

— Cerca de 75 milhões de toneladas de lixo foram removidas. Um dos depósitos de lixo de Pequim datava da dinastia Ming (1.369-1.644 A. D.). Estava êle acumulado em um distrito denominado "Estrada dos dois Dragões", o qual popularmente era chamada, no verão "Rio dos Dois Dragões" e no inverno "Montanha dos Dois Dragões", devido a grande quantidade de lixo. Agora estabeleceu-se um equilíbrio entre a produção e remoção do lixo em Pequim: em 1950, foram retirados 500.000 m³ em 1951, 700.000 m³; o aumento é devido à melhoria no "standard" de vida e talvez também, ao aumento da população.

— Foram exterminados um total de cerca de 30 bilhões de mosquitos e 7 bilhões de larvas destes dípteros, os quais foram retirados de poços, canais, lagoas, etc.

— Calculou-se em mais de 130 milhões o número de moscas mortas; o que é notável, a maior parte delas foram caçadas e mortas por escolares armados de telas de arame.

Todas as latrinas foram desinfetadas e foram construídas 4.920.000 latrinas públicas.

Enquanto aos ratos, que são portadores de peste, foram mortos num total de 128 milhões destes roedores. Vimos exposição de ratoeiras dos modelos os mais diversos, inventados pelo povo.

Reconstruíram-se cerca de 25.000 Kms. do sistema de esgotos em todo o país, e cerca de 1 milhão e meio de metros quadrados de poços poluídos e valas, foram aterrados. Como resultado deste saneamento das condições ambientes e formação de bons hábitos de saúde, a incidência de doenças infecciosas decresceu muito. Assim, por exemplo, em Tientsin, o número de casos de infecções gastro-intestinais caiu a menos de 40%, em comparação com o ano anterior; o número de mortes por doenças do aparelho digestivo em Pequim em 1951 foi 35% menor do que em 1950.

Tendo visto rapidamente, a cooperação do povo quanto ao progresso da saúde pública na China, examinemos agora as principais realizações governamentais neste campo.

1. Em primeiro lugar foram reformadas, criadas e instaladas numerosas organizações de saúde, dos tipos os mais diversos. Assim, em comparação com os números dados para 1947, o número de hospitais nas áreas urbanas em 1951, aumentou de 3,6 vezes, o número de leitos nos hospitais de 5,7 vezes, e as policlínicas públicas em 8,4 vezes. Nas áreas rurais, o número de Centros de Saúde distritais aumentou 15 vezes e o número de leitos 2,7 vezes. Também foram criados 10.000 Postos de Higiene além do 30.000 centros pre-natais e maternidades, policlínicas e cooperativas farmacêuticas. Nas zonas rurais onde nunca antes tinha existido qualquer organização para a proteção da infância, foram inaugurados mais de 140.000 creches nestes últimos anos. Para a proteção do trabalho, foram estabelecidos hospitais nas minas, usinas, estações ferroviárias etc., de modo que existem hoje 7,1 leitos hospitalares para 1.000 indivíduos, e um médico para cada 625 operários.

2. No campo das doenças infecciosas, foram realizados vastos trabalhos de profilaxia contra aquelas moléstias que mais vinham incidindo no país. Assim vêm sendo atacados principalmente a varíola, a peste e o cólera. Agora que estas doenças estão praticamente ven-

cidas, ataca-se em larga escala o calazar, a esquistossomose e outras helmintoses, a febre tifóide, o tifo exantemático e outras doenças infecciosas, que antes da libertação constituíam 50% de todos os casos de morte. Em relação à vacinação antivariólica, vemos que, enquanto que no tempo do Kuomintang vacinava-se anualmente 7 milhões e 300 mil pessoas, após a libertação, até o 1.º semestre de 1952, o número total de vacinações e revacinações contra a varíola subiu a 460 milhões de pessoas. Como resultado, o número de casos de varíola em todo o país, de janeiro a agosto de 1951, foi de 84,3% menor que no mesmo período de 1950. Em muitas cidades e vilas a varíola já não foi mais assinalada, esperando-se que até 1955, tenha esta infecção praticamente desaparecido de todo o país.

As áreas de peste foram gradualmente reduzidas desde a libertação, estando a endemia pestosa nestes últimos 3 anos praticamente controlada. Hoje a peste não é mais uma doença desastrosa para a China. Também desde a libertação, isto é, nestes últimos 4 anos, não foi registrado um único caso de cólera em todo o país. Isto foi devido a medidas eficientes e persistentes, no sentido de melhorar o meio ambiente, de proteger as fontes de águas contra a poluição, na remoção do lixo, e, quando necessário, vacinação intensiva contra o cólera.

As taxas de morbidade em relação a outras doenças infecciosas, como a febre tifóide, disenteria, tifo e febre recorrente, também acusaram decréscimo de vários graus. Assim a febre tifóide, exprimindo-se o índice de mortes em 1950 pelo algarismo 100, no ano de 1951, foi de 40. A morbidade da febre recorrente em 1952 diminuiu de 84% relativamente a 1951. Quanto à malária, calazar etc., as taxas de morbidade acusam notáveis decréscimos. Como exemplo temos o calazar; foram tratados nos últimos 3 anos cerca de 250.000 indivíduos, salvando-se assim milhares de vidas. Sendo o cão um dos reservatórios desta parasitose a exterminação destes animais em todas as áreas endêmicas, bem como o tratamento dos doentes e o uso de inseticidas, como o DDT, praticamente liquidaram a transmissão da leishmaniose visceral. Passamos cerca de 2 meses em Pequim (área de calazar) e nunca conseguimos ver um único cão. Outras vantagens que trouxe a interdição de cães nesta cidade foram: os cães são portadores de outras doenças infecciosas, como a toxoplasmose, a raiva, as tinhas e certas helmintoses; os cães são susceptíveis de serem reservatórios de vírus da encefalite; os excrementos dos cães espalhavam-se em todos os pontos e atraíam as moscas; e finalmente, os cães criavam dificuldades à circulação.

3. As necessidades da saúde pública, em constante progresso, determinaram a melhoria e a fundação de novos laboratórios para o preparo de vacinas, soros, antibióticos, inseticidas etc. Assim, recentemente foi inaugurado em Changai uma grande fábrica de penicilina e estreptomicina etc., que supre todas as necessidades da China; estes produtos até então eram importados principalmente da U.R.S.S. Tivemos ocasião de visitar em Pequim o Instituto Nacional de Vacinas e Soros, dirigido pelo eminente cientista Dr. Tang Fei-fan. O Instituto, diretamente ligado ao Ministério da Higiene, foi construído em 1947; mas posteriormente foi muito ampliado. Existem sete filiais deste Instituto em diversas cidades da China, porém o de Pequim é o Instituto Central. A totalidade do pessoal alcança 800 funcionários, dos quais cerca de 500 são técnicos. O nível científico é dos mais alto grau. O trabalho principal do Instituto é a fabricação, estandarização e controle das vacinas. Naturalmente a produção da vacina antivariólica é enorme. Outras vacinas fabricadas em grande escala são as de febre tifóide, paratifóide, cólera, peste, anatoxina antitetânica e antidiftérica, do tifo exantemático (método de ovos), etc. A vacina B.C.G. é fabricada em um pavilhão especial e isolado, bem como as do tétano e da gangrena gasosa. Todas as vacinas passam finalmente para uma seção especial, destinada a estandarização dos produtos biológicos. O Instituto tem ainda uma produção enorme de soros antitóxicos e fabrica a penicilina e estreptomicina em pequenas quantidades.

4. Ainda que, na China, a erradicação dos insetos não dependa, fundamentalmente, de métodos químicos, a produção do DDT e de outros inseticidas tomou um enorme desenvolvimento neste país. Há também fábricas governamentais de certos produtos farmacêuticos mais usados, como clorofórmio, éter, produtos sulfamídeos, solustibosan (usado no tratamento do calazar), vitaminas, gases, algodão, enfim o necessário para a China, gradualmente tornar-se livre de grande número de produtos farmacêuticos importados, que recebe principalmente da Inglaterra, Alemanha e U.R.S.S.

5. Para o desenvolvimento extraordinário da saúde pública na China, foi necessário fazer-se o reajustamento e o fortalecimento das instituições médicas. Assim o total de médicos formados em 69 anos anteriores à libertação, não era suficiente para as necessidades de 1/20 da população do país. É por isso que a deficiência de técnicos, foi um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento dos serviços de saúde pública da Nova China. Para vencer esta dificuldade foi necessário introduzir-se várias reformas no sistema da educação médica nos últimos três anos. No que se refere ao ensino da medicina foi posto maior empenho quanto à especialização nos seus diferentes campos, mesmo durante o curso médico. Após a formatura, os estudantes já eram classificados e instruídos de acordo com as especialidades escolhidas anteriormente, tais como clínica médica, cirúrgica, obstetrícia e ginecologia, saúde pública etc. Tal sistema encurtava bastante o período de estudos. Também desenvolveram, o que lá denominam de médicos auxiliares, com educação médica rápida, formando grande número de verdadeiros médicos práticos necessários em certas especialidades. Foram ainda criadas numerosas escolas de enfermeiras e obstetrias bem como foram reeducadas numerosas antigas parteiras.

Isto deu como resultado a queda da mortalidade infantil em geral e da mortalidade materna. Assim em Pequim por exemplo, em 1951 somente 58% de todos os partos tinham assistência médica, enquanto que até setembro de 1952, tal percentagem subiu a 96,2%. A taxa de mortalidade por febre puerperal caiu de 2,4 por 1.000 em 1950 para 1,2 por 1.000 em 1951 e a taxa de mortalidade por "tetanus neonatorum" declinou de 7,2 por mil em 1949 por 1 por 1.000 em 1952. De outro lado a taxa de nascimento no Norte e Nordeste da China elevou-se de cerca de 35 por 1.000 para 45 e, em certas regiões, até para 54 por 1.000. Na China espalha-se cada vez mais o método soviético do parto sem dor e assim em 17.639 casos de partos normais em que foi usado este método, obteve-se a percentagem de 93 por cento de sucesso.

Por meio de reformas do ensino e criação de escolas, não só melhorou a eficiência técnica dos especialistas, como aumentou consideravelmente o número de estudantes e graduados. Assim durante os últimos 3 anos, o número total de estudantes matriculados no curso de médicos auxiliares foi 2 vezes maior que o total de estudantes dos 69 anos anteriores à libertação; o número de estudantes do curso médico superior foi 1,2 vezes maior, e o número de graduados em medicina nos 69 anos antes da libertação. E assim a reforma do ensino médico, forneceu as condições necessárias para o desenvolvimento da saúde pública na China.

* * *

Em conclusão, o enorme progresso da Nova China em todos os setores da medicina e da saúde pública, representa uma pequena parcela de progresso deste país em todos os domínios da civilização. Durante os últimos três anos a experiência chinesa vem mostrando que o progresso da saúde pública em uma Nação, só será conseguida pela política inteligente de obter-se a cooperação de todo povo na aplicação dos ideais sanitários, pois os princípios de saúde pública só serão aplicados pela massa da Nação, quando os governos tiverem consciência de que é servindo ao povo que se ganha a confiança do povo.

O Projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil e a Intelectualidade Progressista

“Nosso Programa é sensível ao coração de todos os patriotas brasileiros, é o Programa de salvação nacional”. — LUIZ CARLOS PRESTES.

Como tôdas as camadas de nossa população empenhadas na luta patriótica em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional, a intelectualidade progressista de nossa pátria acolheu com entusiasmo e confiança o projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil.

A sensibilidade e ao patriotismo dos intelectuais brasileiros não poderia passar despercebido o profundo significado histórico dêsse grande documento, que veio marcar uma nova etapa na vida política e cultural de nosso povo. Possuidora de uma gloriosa tradição de luta em defesa do nosso patrimônio cultural e artístico, com um passado de comprovada fidelidade ao povo em todo o heróico processo de formação da nacionalidade, a intelectualidade brasileira está em condições de avaliar a importância e a eficiência da arma de luta que os comunistas com a divulgação de projeto do Programa de seu glorioso Partido, hoje oferecem a todos os brasileiros.

Mais do que um roteiro de ação para os comunistas brasileiros, êsse Programa, como afirma Luiz Carlos Prestes, é um programa “sensível ao coração de todos os patriotas brasileiros, o programa de salvação nacional”. É êle o instrumento capaz de unificar as lutas antes dispersas dos operários, camponeses, e intelectuais e demais camadas da população e de orientar vitoriosamente essa luta contra a dominação crescente de nossa pátria pelo imperialismo norte-americano. É êle o estatuto básico da frente democrática de libertação nacional — ampla e poderosa frente única de tôdas as forças anti-imperialistas e anti-feudais que, como afirma o próprio documento, “será a garantia da salvação do Brasil, a única força capaz de implantar no país o regime democrático popular, de arrancar o Brasil da dominação americana e da situação humilhante em que se encontra, a única força capaz de conduzir nossa pátria a um futuro feliz e radioso”.

A amplitude do Programa, que levanta efetivamente as reivindicações de tôdas as forças progressistas do Brasil, o seu profundo sentido popular e patriótico, faz com que êle mereça o apôio de todos os intelectuais honestos de nossa terra. Hoje, como no passado, através de suas lutas e do seu trabalho cultural e de criação artística, os intelectuais brasileiros almejam que nossa pátria trilhe um caminho de paz e de colaboração pacífica com todos os povos e defendam intransigentemente a nossa soberania e a independência nacional. O projeto de Programa responde a esta aspiração profunda e constante da intelectualidade brasileira quando afirma: “O caminho da paz e da colaboração pacífica com todos os povos é o caminho do progresso do Brasil, do rápido florescimento da economia nacional, é o caminho da liberdade e da independência, que permitirá a elevação do nível cultural da nação e uma vida livre e feliz para o nosso povo. Este é o caminho para que o Brasil ocupe relevante posição, como nação livre e independente, no seio da comunidade internacional das nações”.

Ha, portanto, perfeita identidade entre o objetivo máximo do projeto de Programa, que é o de conduzir a nossa Pátria pelo caminho da soberania, da paz e do progresso e arrancar o nosso povo do atroz e da miséria em que vegeta, e os mais nobres ideais defendidos pela intelectualidade brasileira através dos séculos. Podemos afirmar, sem exagero algum, que neste grandioso Programa forjado pela classe operária através de seu Partido e entregue a todo o povo brasileiro como arma para a sua luta de libertação, as palavras imortais dos nossos inconfindentes, as vozes mais altas dos nossos grandes poetas e escritores do passado, os hinos patrióticos dos nossos melhores músicos vêm encontrar a sua mais pura e nítida ampliação e ressonância.

Por outro lado, o projeto de Programa, como documento científico e justo, cala fundo na inteligência de todos aqueles intelectuais que procuram honestamente a verdade. Através de uma análise objetiva que resiste a qualquer tentativa de contestação, êle apresenta a realidade brasileira em todos os seus contornos e côres. Essa análise justa e verdadeira orienta e enriquece os estudos e as investigações dos intelectuais que procuram compreender a situação econômica, política e cultural de nosso país. Analisando esse aspecto do Programa, o de contribuição valiosa ao conhecimento da realidade brasileira, Luiz Carlos Prestes salienta que êle “revela o caráter semi-colonial do país e assinala com vigor que o problema mais grave que hoje enfrenta a nação brasileira reside no processo de crescente colonização do Brasil pelos imperialistas norte-americanos”. O projeto de Programa “mostra ainda como o Brasil se encontra sob o domínio dos latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos que, com medo do povo, se voltam para os monopólios norte-americanos, aos quais vendem o país em troca de apôio na luta que sustentam contra o povo, pela conservação de latifúndio e das sobrevivências feudais e escravistas na agricultura. Mas, de outro lado, os imperialistas norte-americanos, em sua política de subjugação do Brasil, apoiam-se no interior do país nos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros, cujo representante é, no momento, o atual governo”. O projeto de Programa “expõe com justeza a situação insuportável do povo brasileiro, em primeiro lugar do proletariado e dos camponeses, em consequência da situação semi-colonial e semi-feudal do país e da política de preparação para a guerra do governo de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano”.

A vigorosa advertência de que o maior perigo que nossa pátria atravessa está no processo de colonização crescente imposto pelo imperialismo ianque não pode sofrer contestação da parte de um observador honesto. Pelo contrário, ela é confirmada pela própria experiência de todos aqueles que se encontram ligados ao trabalho cultural. Estamos vendo, dia a dia com mais clareza, que o imperialismo ianque, ao lado da subjugação econômica e política de nossa pátria, pretende

também liquidar as mais caras tradições de nosso povo e toda a cultura nacional. Processa-se diante de nossos olhos todo um movimento orientado no sentido da desnacionalização da nossa cultura. São as "bienais" dos senhores Rockefeller e Mattarazo tentando emaranhar na teia abstracionista as linhas mais genuínas de nossas artes plásticas; são os congressos de escritores "apolíticos", como o recentemente realizado nesta Capital, que procuram afastar a nossa literatura de suas fontes nacionais e populares, para mergulhá-la no cosmopolitismo entreguista; são empresas norte-americanas, como a Coca-Cola, financiando concertos e aliciando maestros e jovens musicistas para jogá-los contra nossas mais puras manifestações folclóricas e musicais; é o rádio corrompendo a nossa música popular; são as histórias em quadrinhos e as revistas pornográficas dos trustes jornalísticos americanos envenenando a nossa infância e juventude e impedindo o desenvolvimento de nossa literatura infantil e da própria indústria editorial brasileira; são as polpudas bolsas de estudo com que o Departamento de Estado Norte-Americano procura corromper a nossa mocidade estudantil e os nossos intelectuais; são os famigerados Institutos Brasil-Estados Unidos funcionando como "pontas de lança" do imperialismo ianque nos nossos meios culturais; é todo o nosso sistema escolar, dos jardins de infância às Universidades, sofrendo cada dia mais a influência da "filosofia educacional", dos programas e dos métodos de ensino norte-americanos.

Todos os intelectuais honestos são, pois, levados a concordar com o projeto de Programa quando este assinala conclusivamente que "por intermédio da imprensa, do rádio, do cinema, da literatura e da arte, reduzidos a instrumentos de colonização, procuram os agentes americanos liquidar as mais caras tradições de nosso povo e a cultura nacional" e quando afirma que "os imperialistas americanos penetram assim, em todos os poros da vida econômica, política, social e cultural do país, humilham o nosso povo, liquidam a independência e a soberania da nação, que tratam de reduzir por completo à situação de colônia dos Estados Unidos. Semelhante situação ameaça o povo brasileiro de escravização total e compromete seriamente o futuro da nação".

Como decorrência dessa constatação básica e diante de ameaça de escravização total de nossa pátria, a intelectualidade brasileira compreende que a luta em defesa da nossa cultura — por cuja preservação e enriquecimento os intelectuais são diretamente responsáveis — está hoje indissolúvelmente ligada à luta geral de nosso povo em defesa da paz, das liberdades e da independência nacional.

Os intelectuais brasileiros também aplaudem o projeto de Programa porque nele encontram uma justa apreciação das suas próprias condições de vida, bem como as soluções para os problemas específicos de sua profissão. Dentro do quadro geral das condições insuportáveis de vida em que está mergulhado o nosso povo, em consequência da situação de atraso da nossa estrutura econômica e da política de traição nacional de governo, afirma o projeto de Programa que "a intelectualidade brasileira, elementos de profissões liberais, cientistas, técnicos, escritores, artistas, cineastas e professores que não se prestam ao papel de lacaios dos americanos e defendem a cultura nacional são perseguidos, sofrem crescentes privações e enfrentam os maiores obstáculos para o desenvolvimento de sua atividade criadora e profissional."

Não é necessário insistirmos aqui em exemplos e argumentos que comprovem a justeza dessa afirmação, pois ninguém poderá desconhecer as dificuldades crescentes dos escritores em busca de editores e mercado para os seus livros, dos cineastas que vêm os estúdios cerrarem as suas portas e são lançados ao desemprego, de artistas que não encontram teatros e companhias estáveis para exercerem suas atividades, a falta de bibliotecas e laboratórios, o alto custo do livro, a dificuldade na importação de tintas e outros materiais para pintura, a remuneração insuficiente do trabalho intelectual, a falta de liberdade de cátedra e da palavra

escrita e falada. Dificuldades de toda espécie são hoje uma constante na vida do intelectual brasileiro que, em cada dia que passa, vê mais reduzidas as suas possibilidades profissionais e, como todas as camadas médias da cidade, já sente na própria carne as consequências do aumento vertiginoso do custo da vida, do desemprego e do empobrecimento crescente.

Mas o projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil não se limita a apresentar um retrato nítido e fiel da realidade brasileira. É um documento que aponta soluções viáveis e concretas para todos os grandes problemas da nacionalidade e, como um faixão de luz, indica o caminho para a transformação revolucionária dessa dolorosa realidade. O Partido Comunista do Brasil, com o peso da sua responsabilidade e da sua experiência histórica, declara com firmeza estar "convencido de que as transformações democráticas de que nosso povo necessita e almeja só podem ser alcançadas com um governo democrático de libertação nacional, governo do qual participem, além da classe operária, os camponeses, a intelectualidade, a pequena burguesia e a burguesia nacional". E afirma em seguida: "O Partido Comunista luta pelo socialismo, mas está convencido de que nas atuais condições econômicas, sociais e políticas do Brasil não é possível realizar transformações socialistas. É perfeitamente realizável, no entanto, a tarefa de substituir o atual governo anti-popular e anti-nacional, por um governo do povo que liberte o Brasil do domínio do imperialismo americano, dos latifundiários e dos grandes capitalistas, serviçais do imperialismo. O governo democrático de libertação nacional será um governo autenticamente democrático e popular. Será um governo patriótico e de paz, de defesa da soberania e da independência nacional. Será o governo de salvação do Brasil e da felicidade para o povo brasileiro".

O projeto de Programa resume de maneira clara e sintéticas, em 45 pontos, as transformações democráticas e progressistas que devem ser operadas na estrutura econômica e social do Brasil e consagradas em lei pelo futuro governo democrático de libertação nacional.

A intelectualidade progressista brasileira, fiel à sua honrosa tradição de patriotismo, não pode negar o seu apoio a um programa que, pelos seus elevados objetivos e pelo seu profundo conteúdo patriótico, é um verdadeiro programa de salvação nacional. Ela não pode deixar de lutar entusiasticamente por um programa que abre amplas possibilidades de elevação do nível cultural de nosso povo e rasga novas perspectivas para o desenvolvimento da atividade criadora e artística de todos os intelectuais patriotas.

Sob a orientação da classe operária, ao lado dos camponeses, da pequena burguesia e da burguesia nacional, os intelectuais brasileiros atenderão ao apelo fraternal dos comunistas e lutarão unidos na ampla frente anti-feudal e anti-imperialista, na poderosa frente democrática de libertação nacional "para transformar este Programa em realidade viva, para a felicidade de nosso povo e glória de nossa pátria".

OS 45 PONTOS DO PROJETO DE PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

O Partido Comunista do Brasil exigirá que o governo democrático de libertação nacional, surgido da luta libertadora de nosso povo, realize e consagre em leis as seguintes transformações democráticas e progressistas na estrutura econômica e social do Brasil:

POLÍTICA EXTERNA E DEFESA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

- 1 — Anulação de todos os acordos e tratados, lesivos aos interesses nacionais, concluídos com os Estados Unidos.
- 2 — Confiscação de todos os capitais e empresas pertencentes aos monopólios americanos que operam no Brasil e anulação da dívida externa do Brasil

com o governo dos Estados Unidos e os bancos norte-americanos.

- 3 — Expulsão do Brasil de todas as missões militares, culturais, econômicas e técnicas norte-americanas.
- 4 — Relações amistosas e colaboração pacífica com todos os países, especialmente com os países capazes de colocar com o Brasil sem qualquer discriminação, na base de plena igualdade de direitos e mútuos benefícios.
- 5 — Adoção de medidas que favoreçam a manutenção da paz. Proibição da propaganda de guerra e punição para os propagandistas de guerra.

REGIME POLÍTICO DEMOCRÁTICO POPULAR

- 6 — Soberania do povo — o único poder legítimo é o que vem do povo. Será abolido o Senado Federal. O Congresso Nacional, constituído pelos representantes eleitos pelo povo, exerce o poder supremo do Estado. Todos os órgãos do novo regime, dos inferiores aos superiores, serão eleitos pelo povo. Aos eleitores cabe o direito de cassar a qualquer momento o mandato de seus representantes.
- 7 — O Presidente da República será eleito pelo povo e o seu mandato terá a duração de quatro anos. Governará por intermédio de um Conselho de Ministros responsável perante o Congresso Nacional.
- 8 — Todos os cidadãos que tenham completado 18 anos de idade, independentemente de sexo, bens, nacionalidade, residência e instrução, terão direito a eleger e ser eleitos. Gozarão destes mesmos direitos os analfabetos, bem como os militares de qualquer graduação, inclusive os soldados e os marinheiros. Será assegurada a representação proporcional dos partidos políticos em todas as eleições.
- 9 — Os Estados, Municípios, Territórios Federais e o Distrito Federal terão autonomia política e administrativa com a eleição pelo povo de todos os órgãos do Poder.
- 10 — É assegurada a inviolabilidade da pessoa humana e do domicílio. Ampla liberdade de pensamento, de palavra, de reunião, de associação, de greve, de imprensa, de cátedra, de crença e culto religioso, liberdade de movimento e de profissão.
- 11 — Abolição de todas as discriminações de raça, cor, religião, nacionalidade, etc, e punição aos transgressores. É livre a instrução em língua materna aos filhos dos imigrantes estrangeiros.
- 12 — Separação do Estado de todas as instituições religiosas. O Estado será leigo.
- 13 — Democratização das forças armadas e criação do exército, da marinha e da aviação nacional-populares, estreitamente ligados ao povo, que defendam a paz, a independência nacional e as conquistas democráticas do povo. Os soldados, marinheiros, cabos, sargentos e oficiais gozarão de plenos direitos civis e de liberdade de atuação política e terão asseguradas condições de vida normais e humanas. Livre acesso das praças-de-pré ao oficialato.
- 14 — Completa supressão das organizações policiais de repressão. As polícias militares serão democratizadas e incorporadas às forças armadas nacional-populares. Substituição das demais organizações policiais pela milícia popular.
- 15 — Justiça rápida e gratuita com juizes e tribunais eleitos pelo povo.
- 16 — Abolição de todas as desigualdades econômicas, sociais e jurídicas que ainda pesam sobre as mulheres. As mulheres terão direitos iguais aos homens em caso de herança, casamento, divórcio, profissão, cargos públicos, etc. O Estado dará proteção especial e gratuita à maternidade e à infância.

17 — Estímulo às atividades literárias, artísticas, técnicas e científicas de caráter pacífico, com pleno apoio e ajuda do Estado.

- 18 — Proteção e estímulo aos esportes e à educação física do povo. Construção, pelo Estado, de campos de esporte, ginásios, pistas, estádios populares, etc.
- 19 — Ajuda do Estado à construção de casas para o povo, de maneira a assegurar dentro de menor prazo residência digna e barata para a população trabalhadora.
- 20 — Organização de um serviço de assistência médica a toda a população e criação de postos de higiene em todo o país. Combate sistemático às endemias.
- 21 — Instrução primária obrigatória e gratuita, assegurada pela construção de uma rede de escolas em todo o país, a fim de liquidar o analfabetismo. O Estado assegurará aos estudantes livros didáticos e materiais escolares a baixo preço. Redução gradativa de todas as taxas escolares. Garantia de emprego para os jovens diplomados nos cursos secundários, técnicos e superiores.
- 22 — Ajuda e proteção especial às populações aborígenes e defesa de suas terras. Os indígenas terão direito à organização livre e autônoma.
- 23 — Ajuda do Estado, rápida e eficiente, às populações vitimadas pelas secas, inundações e outros flagelos, por meio principalmente de concessões de terras produtivas, de máquinas e ferramentas de trabalho de crédito sem juros e a longo prazo. Assegurar às populações obrigadas a emigrar de seus lugares natais condições que lhes permitam reconstruir seus lares.
- 24 — Ampla reforma tributária, com a supressão de todos os impostos e taxas injustos, instituição do imposto progressivo sobre a renda e simplificação de todo o sistema tributário. Implantação de controle efetivo sobre os preços, medidas práticas contra a inflação e realização da reforma monetária que assegure a estabilidade da moeda nacional.

DESENVOLVIMENTO INDEPENDENTE DA ECONOMIA NACIONAL

- 25 — Garantia de liberdade de iniciativa para os industriais e liberdade para o comércio interno. O governo democrático de libertação nacional não confiscará as empresas e os capitais da burguesia nacional. Entretanto, serão confiscados e nacionalizados os capitais e empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas americanos.
- 26 — Defesa da indústria nacional. Impedir que os produtos estrangeiros importados, especialmente dos Estados Unidos, possam prejudicar as indústrias já existentes no Brasil ou dificultar a criação de novas. Assegurar o livre desenvolvimento da indústria de paz.
- 27 — Desenvolvimento independente da economia nacional e preparo das condições para a industrialização intensiva do país com a utilização dos capitais e das empresas confiscadas aos imperialistas americanos. Para o mesmo fim atrair a colaboração de capitais privados, aos quais serão garantidos lucros e a defesa de seus interesses, segundo lei especial.
- 28 — Regulamentação do comércio externo para a defesa da produção nacional. Abolição de todas as restrições injustas que dificultam a importação de máquinas e de matérias primas estrangeiras necessárias ao desenvolvimento da economia nacional.
- 29 — Ajuda pelo Estado aos artesãos e a todos os produtores pequenos e médios por meio de concessão de créditos, facilidades para a aquisição de matérias primas ou fornecimentos de máquinas e instrumentos de trabalho.

- 30 — Atrair a colaboração de governos e capitalistas estrangeiros, cujos capitais possam ser úteis ao desenvolvimento independente da economia nacional, sirvam aos interesses nacionais e à industrialização do Brasil e se submetam às leis brasileiras.

MELHORIA RADICAL DA SITUAÇÃO DOS OPERÁRIOS

- 31 — Fixação do salário mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas para os operários e suas famílias em todo o país. Salário igual para igual trabalho, sem distinção de sexo, idade ou nacionalidade.
- 32 — Aplicação efetiva da jornada de trabalho de oito horas e da semana de 44 horas para todos os trabalhadores. Jornada de 6 horas para os que trabalham no subsolo ou em profissões insalubres e para os menores.
- 33 — Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos trabalhadores das empresas estatais e aos assalariados agrícolas. Os sindicatos fiscalizarão a justa aplicação da legislação social.
- 34 — Garantia da livre organização e do livre funcionamento das organizações sindicais. Os sindicatos terão o direito de realizar livremente contratos coletivos de trabalho com as empresas privadas e estatais e de fiscalizar sua execução.
- 35 — Assistência e previdência social por conta do Estado e dos capitalistas em todas as formas, incluindo os desempregados. Aposentadoria e pensão, bem como auxílio aos acidentes no trabalho, de acordo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias. Administração e controle dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões pelos sindicatos.
- 36 — Abolição das formas de trabalho forçado, das leis de militarização do trabalho e de todas as multas, inclusive por motivo de falta ao trabalho.

REFORMA AGRÁRIA E AJUDA AOS CAMPONESES

- 37 — Confiscação de todas as terras dos latifundiários e entrega dessas terras, gratuitamente, aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra

e a todos que nelas queiram trabalhar, para que as repartam entre si. A divisão das terras será reconhecida por lei e a cada camponês será entregue o título legal de sua posse. A lei reconhecerá as posses e ocupações de terras, tanto dos latifundiários como do Estado anteriormente realizadas pelos camponeses, que receberão os títulos legais correspondentes.

- 38 — Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração dos camponeses — meação, terça e todas as formas de prestação de serviços gratuitos — abolição do vale e barracão, e obrigação do pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores agrícolas.
- 39 — Garantia de salário suficiente, aos assalariados agrícolas, não inferior ao dos operários industriais não especializados, como também garantia de terra aos que a desejarem.
- 40 — Garantia legal à propriedade dos camponeses ricos. Tanto a terra cultivada por eles ou por assalariados agrícolas, como suas outras propriedades, serão protegidas contra qualquer violação.
- 41 — Anulação de todas as dívidas dos camponeses para com os latifundiários, os usurários, os Bancos, o governo e as companhias imperialistas norte-americanas.
- 42 — Concessão de crédito barato e a longo prazo aos camponeses para a compra de ferramentas e máquinas agrícolas, sementes, adubos, inseticidas, construções de casas, etc., Ajuda técnica aos camponeses. Estímulo ao cooperativismo.
- 43 — Construção de sistemas de irrigação particularmente nas regiões do Nordeste assoladas pelas secas, de acordo com as necessidades dos camponeses e do desenvolvimento da agricultura.
- 44 — Abolição de todas as restrições ao livre trabalho dos pescadores. Ajuda pelo Estado aos pescadores por meio da concessão de créditos para a construção de casas, entrepostos, etc. e fornecimento de instrumentos e embarcações para a pesca.
- 45 — Garantia pelo Estado de preços mínimos para os produtos agrícolas e pecuários necessários ao abastecimento da população, de modo que permitam aos camponeses desenvolver suas atividades econômicas e aumentar a produtividade de suas terras, sem deixar de defender ao mesmo tempo os interesses da grande massa consumidora.

NOTAS E NOTÍCIAS

AS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO

Quando o presente número estiver nas bancas, os eleitores já depositaram seu voto nas urnas. O fato das eleições terem sido realizadas já é uma grande vitória do povo brasileiro. Os golpistas da U. D. N. não conseguiram evitá-las. Os meses que antecederam o 3 de outubro assinalaram uma mudança substancial na estrutura política do país, que tiveram como ponto culminante o fim trágico do Presidente Vargas. Em 24 de agosto foi consumado o golpe americano, que colocou no poder os brigadeiros e generais rea-

cionários e os politiqueiros da U. D. N., simples agentes da máquina imperialista americana. A primeira voz a denunciar com antecedência a maquinação golpista dos udeno-americanos foi a voz de Luiz Carlos Prestes, e hoje suas palavras confirmam-se claramente. Os fatos são berantes, não se pode ter dúvidas quanto à mudança inconstitucional que foi imposta ao povo brasileiro. Os homens que assaltaram o poder falando em democracia, em moralidade administrativa, em combate às negociatas e aos crimes, mostraram em menos de um mês a sua verdadeira face, de golpistas e entre-

guistas. Nesse curto espaço de tempo vimos nas ruas as armas apontadas para o povo, assistimos a prisão de líderes sindicais e de cerca de mil operários da Light, constatamos a orientação intervencionista do Ministro do Trabalho, sr. Alencastro Guimarães, conhecemos o terros policial lançado contra os grevistas da Light e da Leopoldina, presenciamos atentados contra a liberdade de expressão, com a invasão de jornais populares, finalmente para comprovar o caráter fascista do atual governo, tivemos a negação de registro a dezenas e dezenas de candidatos, entre os quais Jorge Amado, Luís Sandoval, Carlos Ortiz, pelo simples fato deles serem patriotas, inimigos provados do imperialismo ianque.

Mas, o povo não se manteve apático diante dos

acontecimentos. Foram as imensas manifestações de um caráter político elevado, demonstrando como está amadurecida a consciência anti-imperialista do povo brasileiro. Foram as greves gerais do proletariado paulista, mineiro e gaúcho, que deram uma evidente demonstração de unidade e fôrça. Foram os camponeses organizando-se nacionalmente para lutas pelas suas reivindicações. E o fato que melhor evidencia a reação do povo brasileiro às pretensões ditatoriais do grupo udeno-americano, é, como foi dito, a realização das eleições.

Em São Paulo, os trabalhadores getulistas e comunistas deram-se as mãos para lutar pelas garantias constitucionais e para barrar a entrega de nossa soberania aos senhores de Wall Street. Participaram

fundamentos

das eleições apoiando o candidato Wladimir de Toledo Piza, contra os três candidatos, Janio Quadros, Prestes Maia e Adhemar de Barros, que hipocritamente lançaram a campanha de escolha entre os três, como se houvesse realmente uma diferença substancial entre eles, candidatos todos de Wall Street.

EXPOSIÇÃO FEMININA DE ARTE

Paralelamente à Conferência Latino-Americana de Mulheres reunida no Rio de Janeiro nos meados do mês passado, realizou-se no Instituto de Arquitetos uma exposição feminina de arte, que reuniu os trabalhos de escultura, pintura, gravura, cerâmica etc. de perto de trinta artistas desta Capital.

Apresentando a mostra, disse Maria de Lourdes Teixeira:

No quadro atual da nossa realidade gráfica e plástica, a mulher continua a forçar essa evolução através de escultoras, pintoras, desenhistas e, principalmente, a meu ver, de gravadoras. De forma que a tarefa, especializada da mulher tem abrangido no Brasil, e acentuadamente em São Paulo, todos os setores, inclusive a cerâmica e atapeçaria.

Nessa evolução não existe apenas a pesquisa formal e a vontade de ritmar a marcha pelos relógios internacionais da arte moderna. Se existe uma constante melhoria técnica — principalmente na escultura e na gravura — e se muitas artistas se deixam tentar pelo abstracionismo, a verdade é que se nota uma tendência mais marcada na arte feminina pela pintura primitiva e popular, pelo desenho e pela gravura em função da vida e da realidade, pela escultura e pela cerâmica, onde bom-gosto não significa evasão ao mundo cotidiano.

Entre as artistas anotamos os seguintes nomes: Alice Brill, Celina Pelizzari, Charis Brandt, Diva Gomes Rodrigues, Elizabeth Nobiling, Gilberta, Gisela Eichbaum, Giuliana Ferrari, Hebe de Carvalho, Lily Richter Montague, Maria Antonieta, Maria Leontina, Mercedes Massera, Pola Resende, Regina Graz, Rene Lefevre, Renina Katz, Rita Rosenmayer, Sofia Tassinari, Tereza damico, Terezinha de Almeida, Virginia Artigas, Wega Nery Gomes Pinto, Yolanda Mohaly.

MÚSICA BRASILEIRA

Realizou-se no dia 15 deste mês, no Auditório do Museu de Arte Moderna, a conferência do musicólogo Mozart de Araujo, subordinada ao tema: Panorama da Música Brasileira. Esta conferência é a primeira de uma série destinada a debater problemas atuais ligados ao desenvolvimento da música brasileira, assim organizada: Música de Vila Lobos, por Antonio Rangel Bandeira. O «RIMANCE» no folclore brasileiro, por Rossine T. de Lima. Música de Câmera no Brasil, por Arnaldo Estrela. Aproveitamento das características instrumentais populares na música brasileira, pelo maestro Guerra Peixe.

A conferência do Sr. Mozart de Araujo será publicada no nosso próximo número.

CARTA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

A vida do povo brasileiro torna-se cada vez mais insuportável, pelas dificuldades e sofrimentos que lhe são impostos. As populações das cidades e do campo, realizadoras da riqueza nacional, não dispõem dos mais indispensáveis meios de subsistência, moradia e cultura, compatíveis com a dignidade humana.

A indústria nacional é impedida de desenvolver-se em consequência da ação nefasta dos trusts e monopólios norte-americanos, aos quais são concedidos, cada dia, maiores privilégios. O comércio exterior inteiramente submetido aos interesses trusts, está estrangulado. A produção agrícola continua sujeita aos processos mais atrasados e rotineiros, e a debater-se em crescentes dificuldades de escoamento. As imensas riquezas minerais estão inproveitadas para o progresso do país, sendo, ao contrário, levadas para o estrangeiro, em proveito exclusivo dos mesmos trusts.

Contra o nosso povo praticam-se freqüentemente toda sorte de violências e arbitrariedades. A Constituição Brasileira é desrespeitada, mormente em seus dispositivos que garantem os direitos dos cidadãos e as franquias democráticas. Os desmandos das autoridades são uma prática de todo instante.

As virtudes criadoras de milhões de brasileiros, tão ricas e fecundas no campo da cultura, são desencora-

jadas e tolhidas. Todo o valioso patrimônio nacional nas letras, nas artes e nas ciências, está desamparado e submetido a um intenso processo de aviltamento.

A corrupção e o descalabro administrativo aprofundam-se cada vez mais, fazendo surgir por toda parte as mais escandalosas negociações.

O Governo não pode fugir à responsabilidade por todas essas calamidades que afligem e fazem sofrer o povo, ainda mais agravadas pelos golpes sucessivos contra a soberania nacional, diretamente atingida em acordos e tratados lesivos aos interesses do país.

O crescente ânimo de luta que tem sempre caracterizado o nosso povo através de sua história, é expresso hoje pela ação unida de milhões de brasileiros, confiantes nos destinos de nossa Pátria, que terá certamente um futuro de progresso pacífico, de bem estar e felicidades, em entendimento com todas as nações.

As memoráveis campanhas patrióticas que temos vivido integram-se no poderoso movimento de Emancipação Nacional. Surgem todas as condições para que o povo empreenda a grande jornada emancipadora. A bandeira da mais ampla unidade está assim desfraldada.

Com base nessa unidade, todas as forças democráticas e patrióticas de nosso povo são concitadas, acima dos horizontes partidários e concepções particulares de cada um, para a realização do grande esforço comum, capaz de emancipar econômica e politicamente nossa querida Pátria da crescente dependência de interesses estrangeiros a que está submetida e capaz de conduzi-la pela estrada do progresso.

A defesa da indústria nacional e a criação da indústria pesada constituem condições básicas para a conquista da independência econômica. Para isso são indispensáveis: a nacionalização das fontes de energia elétrica, hoje em mãos de monopólios estrangeiros; a radical modificação da política financeira e cambial do Governo, abertamente voltada contra a industrialização; o aproveitamento intensivo de nossos recursos minerais; e uma adequada reforma agrária capaz de assegurar a criação de um amplo mercado interno, com a eliminação

das condições de miséria e atraso em que vive a nossa população rural.

Impõe-se a nacionalização da distribuição do petróleo, hoje em poder da Standard Oil, bem como a vigilante defesa de nossas fazidas. Não é mais possível tolerar a continuação da pilhagem das nossas reservas de manganes, monazita e outros minérios, por parte dos trusts norte-americanos.

E' dever impreterível dos patriotas a salvaguarda da soberania nacional, atingida pela ratificação do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, e tantos outros tratados antinacionais, que abrem as portas do Brasil a missões colonizadoras militares, econômicas e administrativas, visando implantar sua tutela em nosso território.

Não devemos consentir na continuação das restrições à nossa liberdade de comércio externo, impostas pelo governo norte-americano e defendemos a ampliação do intercâmbio comercial, pelo imediato estabelecimento de relações com todos os países do mundo, inclusive com os países do Este europeu e da Ásia, o que permitirá o alívio das nossas dificuldades econômicas.

No âmbito interno pugnamos por amplas e efetivas medidas que ponham termo ao insuportável e constante encarecimento da vida, proporcionando aos que vivem do trabalho melhores e mais humanos níveis de remuneração e de existência.

Impõe-se do mesmo modo a defesa da cultura nacional ameaçada, o estímulo ao pleno florescimento das ciências, da literatura, das artes e o amparo à indústria cinematográfica nacional.

A luta pelas liberdades em defesa dos direitos fundamentais do homem, inscritos na Constituição, é parte integrante e inseparável do histórico movimento de Emancipação Nacional. Sem liberdade não é possível defender os interesses do povo e a própria honra nacional. Sem a completa emancipação do Brasil não teremos assegurada a plena liberdade.

Conclamamos finalmente todo o povo brasileiro — industriais, funcionários, intelectuais, operários, profissionais liberais, camponeses, comerciantes, militares, donas de casa e magistrados — a manifestar o seu apoio a este patriótico movimento, nascido sob o

signo da mais ampla unidade de vontade e anseios, para a conquista da emancipação nacional.

(Documento aprovado por unanimidade na Convenção pela Emancipação Nacional, reunida nos dias 2, 3, 4 e 5 de abril, no Rio de Janeiro, no grande auditório da Associação Brasileira de Imprensa, com o comparecimento de 50 delegados representando 17 estados e grande massa popular).

RETORNA CAVALCANTI

Regressou de sua viagem à União Soviética, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Polônia e outros países da Europa, o conhecido cineasta Alberto Cavalcanti, que foi recentemente laureado no Festival de Karlov Vary. Cavalcanti foi recepcionado por um grande número de amigos e admiradores, que o aguardavam no aeroporto. No dia imediato à chegada, recebeu no Museu de Arte Moderna, a Imprensa de S. Paulo para uma entrevista coletiva, na qual teve oportunidade de falar dos grandes êxitos alcançados pelo cinema soviético, que considera o primeiro no mundo em nível técnico e artístico. Falou também das imensas possibilidades do mercado da União Soviética e Democracias Populares, reiterando a necessidade do reatamento de relações com esses países. Cavalcanti retorna ao Brasil para rodar a sequência brasileira do filme «Cinco Canções»; os demais episódios se passam na União Soviética, China, França e Itália. Ao terminar esse trabalho, Cavalcanti deverá retornar à Europa, onde realizará um filme na Alemanha Oriental sobre a peça de Bertold Brecht, «Mãe Coragem», devendo após visitar a China. Sobre a viagem de Cavalcanti temos o prazer de informar nossos leitores, que publicaremos no número inaugural da Nova Fase, importante artigo do próprio cineasta.

CURSO DE LITERATURA NA ABDE

A ABDE, seção de São Paulo, vem, sob a presidência do Ministro Sílvio Romero Filho, cumprindo um

programa de intensas atividades. O II Curso de Literatura dessa entidade sobre o «Romance Brasileiro de seus primórdios aos dias atuais» foi coroado de absoluto êxito. Cerca de quinhentos alunos inscreveram-se, perfazendo uma cifra bastante significativa. As aulas-conferências foram proferidas no auditório da Biblioteca Municipal, que sempre esteve superlotado, com grande parte do público em pé. A aula inaugural esteve a cargo do poeta Menotti Del Picchia, e a segunda coube ao escritor José Geraldo Vieira. As demais foram dadas pelos escritores e professores Cândido de Oliveira, Iturbides Serra, Fernando Góis, Rossine Camargo Guarnieri, Francisco Assis Barbosa, Abguar Bastos e Dalcídio Jurandir e finalmente, a última, de encerramento, pelo presidente Sílvio Romero Filho. Fomos informados que a ABDE pretende, devido ao êxito alcançado, repetir o curso de romance em algumas cidades de nosso interior. Nesse sentido, já deu início a um curso semelhante na cidade de Santos, cabendo ainda a aula inaugural ao poeta Menotti Del Picchia. Nessa cidade o programa será ligeiramente alterado, sendo incluídas algumas aulas sobre a participação dos santistas na criação do romance brasileiro. A exemplo de São Paulo a ABDE do Distrito Federal promove também um curso de literatura, tendo sido convidado especialmente para presidir a aula inaugural o Ministro Sílvio Romero Filho.

CINQUENTENÁRIO DE NERUDA

A festividades promovidas no Chile em homenagem ao cinquentenário do grande poeta Pablo Neruda, lá estiveram, levando o abraço amigo dos intelectuais brasileiros, os escritores Jorge Amado, José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira e Antonieta Dias de Moraes.

INAUGURADO O CURSO DE JORNALISMO SINDICAL

Sob os auspícios da sucursal de A GAZETA SINDICAL, inaugurou-se dia 8 do corrente, o curso de jornalismo sindical. O curso que é semanal, e se estenderá por um período de quatro meses, compreende-

rá aulas teórico-práticas de português, a cargo do jornalista Sucupira Filho, e de redação e paginação, sob a responsabilidade do jornalista Wolney Rabello.

Na sessão inaugural, a que estavam presentes cerca de cem alunos inscritos, falaram os srs. João Belline Burza, Artur Neves e o arquiteto Vilanova Artigas, este último representando a revista FUNDAMENTOS.

II CONFERÊNCIA NACIONAL DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS

Nos últimos dias do mês passado realizou-se nesta Capital, num dos auditórios do Palácio das Indústrias do Parque Ibirapuera, a II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas. Sucesso indiscutível, a Conferência reuniu em São Paulo nada menos que 322 delegados camponeses vindos de 16 estados diferentes da Federação, e foi uma acusação viva contra o atraso e a miséria em que vivem as populações agrícolas de nossa pátria. O desfile dos oradores camponeses pela tribuna, foi um rosário de denúncias.

Esta II Conferência de Trabalhadores Agrícolas marcou de maneira concreta a união de trabalhadores do campo e operários, na luta pela mudança das condições de vida a que estão submetidas as grandes massas trabalhadoras em nosso país — união que é força invencível ou como disse de maneira feliz o líder tecelão Antônio Chamarro, «união que só conhece a vitória».

Os trabalhadores agrícolas demonstraram com a Conferência, o nível de organização cada vez maior que vêm conseguindo através das Uniões, Ligas e Sindicatos, cuja força se refletiu no sucesso da reunião.

Foi aprovada uma «CARTA DOS DIREITOS E DAS REIVINDICAÇÕES DOS LAVRADORES E DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO BRASIL» e também os estatutos da ULTAB — União dos Lavradores e Trabalhadores agrícolas do Brasil, organização de âmbito nacional destinada desde logo a assumir proporções gigantescas, que aliás necessita para poder assumir a responsabilidade de levar à prática as decisões da Conferência contidas na Carta.

Várias outras decisões importantes foram tomadas no conclave. Entre elas é de notar o manifesto de 5 milhões de assinaturas a serem colhidas, exigindo reforma agrária.

«Fundamentos» fez-se representar, saudando a conferência com um marco decisivo no caminho da libertação de nossa pátria do jugo estrangeiro — do jugo do imperialismo americano: marco decisivo na luta contra o atraso e a miséria em que vivem as grandes massas trabalhadoras.

Os intelectuais paulistas souberam compreender a importância da reunião de trabalhadores do campo e lá estiveram ajudando e admirando os nossos camponeses cheios de uma vida nova, cheios de confiança no futuro da pátria. Particularmente notável foi o ambulatório médico organizado pelo Dr. João Belini Burza, que funcionou nos dias da Conferência atendendo os congressistas na sua quase totalidade, doentes.

A sessão de encerramento, entre as personalidades presentes notavam-se o Deputado Euzébio Rocha e os generais Edgard Buxbaum e Leônidas Cardoso.

A.

FERNANDO MELO E OS PROBLEMAS DA POESIA

Os «Cadernos Horizonte» de Porto Alegre acabam de lançar um pequeno livro que merece ser analisado por todos nós pelo valor simbólico que possui nos dias atuais para aqueles que fazem poesia em nosso país, em consequência de inúmeros problemas e indagações que nos vêm à mente após sua leitura. (1) Porque, é mais pelo seu valor documentário e humano do que mesmo pela expressão literária de sua poesia que esse livro já tem o seu lugar definido na nossa vida literária. De fato: — os poemas de Fernando Melo ainda têm na sua textura a influência de fórmulas um tanto gastas de poesia, caindo

(1) «Deixemos as Rosas para Amanhã» — Fernando Melo. Cadernos Horizonte — Porto Alegre, 1953.

muitas vezes para o demagógico e outras para o anedótico, o que é duplamente lamentável. Assim, fica o épico diluído em um aluvião, em vez de ser a constante marcante, o contraposto da obra. Por outro lado, porém, as poesias desse jovem poeta gaúcho denotam já uma preocupação honesta e profunda do seu autor de por a sua sensibilidade, a criação literária a serviço de uma causa que é a de todo o nosso povo, de cantar o heroísmo dos novos heróis da classe operária, o dinamismo mesmo da sociedade que aparecia àquele jovem em toda a sua nudez: com as suas contradições e conflitos; com sua trama sutil de acontecimentos; com sub-reptícias vozes de protesto se ampliando nos muros da cidade. A preocupação, enfim, de cantar aquilo que de novo estava brotando com vigor e força irresistível das rachas da sociedade velha. E a poesia ainda inexperiente de Fernando Melo, nascida no Rio Grande do Sul, vinha com essa cálida marca do nosso tempo que é de luta e esperança.

A época em que foram escritos os versos talvez explique muitas das deficiências do jovem poeta. Porque a verdade é que Fernando Melo, vindo de um aprendizado poético que quase nada contribuiu para ajudá-lo a encontrar solução para o problema formateado dos seus versos (nota-se a influência marcante dos modernistas em seus poemas, como, de resto, na quase totalidade dos poetas jovens daquela fase) e, por outro lado, ainda não havendo tomado contato aprofundado com o instrumento teórico que o levaria à compreensão aprofundada da realidade nacional para nela cravar suas antenas e plantar as raízes dos seus poemas, teve Fernando Melo de, quase sozinho e sem nenhum mestre pelo menos vizível, tentar fazer poesia revolucionária, cantar, como já dissemos, o épico das novas lutas que surgiam no palco político do Brasil. O próprio poeta é quem frisa em um dos seus poemas pertencer a uma geração espremida entre duas guerras. Será que esse fato te-

ve alguma importância na elaboração de sua obra? Será que o fato de haver Fernando Melo nascido em um momento em que os jovens artistas e escritores ainda não haviam encontrado uma forma justa para os problemas da arte e da literatura mas que, por outro lado, tinham de se manifestar sobre os problemas angustiantes do momento influenciou na feitura dos seus versos? Claro que sim. Mas, paralelamente a esta análise generalizada que estamos fazendo, temos de nos estender em considerações sobre o livro e ver até que ponto a sensibilidade poética de Fernando Melo reagiu sobre tudo isso e realizou algo poeticamente digno da própria flama revolucionária do poeta. Porque, pensando bem, o livro que estamos analisando é mais a sensibilidade profunda, telúrica e quase elementar de um jovem de grande sentimento do que mesmo a realização racional de um poeta senhor ao mesmo tempo de uma técnica e de uma ideologia. Daí, o fato de encontrarmos nesse jovem poeta que morreu com apenas vinte e dois anos, muito de inacabado, de irrealizado, mas, também, muitas coisas que são verdadeiras (e agradáveis) surpresas e que bem demonstram a capacidade poética que ele tinha. Lamentavelmente, algumas poesias de Fernando Melo estão num plano que se aproxima demasiadamente do cartaz de propaganda, sem nenhum conteúdo poético. Falta de sensibilidade do artista? Não. Apenas consequência de não haver na época o mesmo encontrado uma unidade indispensável entre a forma e o conteúdo e influência de maus mestres que, principalmente entre nós, fizeram passar por poesia demagógicos «slogans» de um mau gosto tremendo. Mas a prova da autenticidade da poesia de Fernando Melo nos vem em poemas como «Talvez tu cheguês com a madrugada», «A Tua triste volta, mãe», ou neste outro intitulado «Vem, amiga», onde o poeta exclama:

«Vem, amiga.

Não importa que as negras
[asas abertas

projetem no solo as
[sombras da angústia.
Que se ouça o grasnar dos
[abutres.
Que as árvores nuas
[acensem desesperos
na paisagem mutilada do
[mundo».

Devemos destacar, ainda, a tentativa de revalorização do lirismo feita por Fernando Melo num momento em que a maioria dos poetas sociais caía para um extremismo infantil e pequeno-burguês, renegando todo o conteúdo lírico dos seus versos e condenando, inclusive, nossa herança clássica e romântica, nosso patrimônio cultural para se apoiar em mestres de última hora — modernistas —, esvaziando o homem de todo conteúdo afetivo, transformando-o em uma simples múmia sem vida e esperança.

A realidade brasileira mais do que uma ideologia ou orientação filosófica e a sensibilidade mais do que uma técnica aprimorada caracterizam a essência da poesia do poeta gaúcho. Talvez que aquele lirismo a que nos referimos acima (porque Fernando Melo é um lírico antes de mais nada) muitas vezes surpreendente em poeta que em outros poemas é tão seco e impessoal, seja uma decorrência disso também. Mas, não nos adiantemos em mais análises.

Concluamos estas linhas dizendo que «**Deixemos as Rosas para Amanhã**» é um livro que parece simbolizar os anseios, percalços e caminhos de toda uma geração que viveu numa época dramática, dela participou e que foi também a do autor destas linhas. Em que alturas, que novas soluções teria encontrado o poeta para suas poesias, que nível formal seria hoje o de Fernando Melo, são indagações que não têm muito sentido ou importância. Ele nos ajudou a lutar por um mundo de pão e flores para todos e sua obra é uma contribuição apreciável a esta nossa luta comum. Muitas de suas poesias foram lidas nos comícios para os operários como arma poderosa de agitação. Com este saldo positivo a seu favor é que vemos Fernando Melo, fraterno, puro e alegre como são os poetas que estão cantando a ma-

drugada do novo mundo que desponta. Temos a certeza que os poetas que continuaram no caminho que ele deixou ao morrer, marcham procurando criar uma poesia que traduza o que o nosso povo tem de mais elevado, seus anseios de liberdade e bem estar, seu espírito de luta, seu amor à cultura, sua esperança e sua certeza de que transformaremos em jardins os cemitérios de fome dos latifúndios de nossa terra.

C. M.

CINEMA ITALIANO

Na Itália o cinema também apresenta sintomas de crise. A esse respeito é muito interessante e ilustrativa a entrevista concedida, por um dos maiores cineastas do mundo, o humanista Cesare Zavattini, ao jornal francês «Les Lettres Françaises», da qual citamos alguns trechos: «Esta crise não é nova, diz Zavattini. Assemelha-se à malária, que se acalma por um momento, depois provoca crises de febre para depois novamente se acalmar. Mas nós estamos hoje na mais violenta crise de febre. E' necessário se dizer que a crise não pára de aumentar progressivamente nos últimos anos. E' muito simples: a crise do cinema italiano se agrava à medida que a política do governo italiano se afasta da verdadeira democracia. Isto devido à mentalidade destes homens políticos, que não concordam jamais com o mínimo de liberdade. Tomemos um exemplo: a greve. Teoricamente deveria ser possível realizar um filme que tivesse por sujeito uma greve, pois que o direito de greve é assegurado na Constituição. Mas tentai experimentar! Esta simples palavra faz tremer de medo os produtores. Eu poderia apanhar um dicionário e mostrar as palavras que foram decretadas «PROIBIDAS». E seu número aumenta sem cessar».

Interpelado Zavattini se a crise é provocada pelo reforço constante da censura, respondeu: «Sem dúvida nenhuma. O que é a censura senão a expressão das relações reais entre a posição do governo e o desejo do país se exprimir?...»

INDICADOR PROFISSIONAL

ADVOGADOS

- **AVLAD MARTINS FERREZ**
Rua Anchieta, 34 — Sobrelaja
Fone 33-7929
- **RIO BRANCO PARANHOS**
- **AGENOR BARRETO PARENTE**
Praça da Sé, 371 — 10º — sala 1014
Fone 32-3768
- **LEA NOVAIS**
- **CICERO SILVEIRA VIANA**
- **JULIO MARIO DIAS DE MORAES**
Praça da Sé, 371 — 4º — sala 415
Fone: 35-3314
- **RAIMUNDO PASCOAL BARBOSA**
Avenida 9 de julho, 46 — 5º andar —
conjunto 5 D Fone 34-9367
- **HOLANDO NOIR TAVELLA**
Rua Senador Feijó, 69 — 5º andar
Sala 51
- **MAURICIO DE OLIVEIRA**
Rua Senador Paulo Egídio, 34 — 3º andar
FONE 32-6333
- **ITURBIDES BOLIVAR DE ALMEIDA SERRA**
Rua Benjamim Constant, 23 — 1º andar
— Salas 1 e 2
Fone 32-8568

MÉDICOS

- **DR. ANTONIO BRANCO LEFREVE**
Moléstias Nervosas
R. Marconi, 94 — 9º Andar Tel 36-6073
- **DR. JOAO BELINI BURZA**
Clínica do Sistema Nervoso
Ed. Vicentina — Pr. D. José Gaspar
Fone: 34-6935
- **DR. ALVARO DE FARIA**
Moléstias pulmonares e do coração
RAIOS X — Eletrocardiografia
Das 15 horas em diante
Rua Benjamim Constant, 61 — Fone: 34-6935

A R A G U A L U Z

CONTABILIDADE E DESPACHOS LTDA.
AVENIDA 9 DE JULHO, 40 — 5º PAVIMENTO —
CONJUNTO 5-B — (PRAÇA DA BANDEIRA)
TELEFONE 35-1299 SÃO PAULO

**LIVROS
E
REVISTAS
NACIONAIS
E
ESTRANGEIROS**



**LIVRARIA
DAS
BANDEIRAS**

**Avenida Ipiranga, 570
1.º andar - fone 34-7388
SÃO PAULO**